UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 16 — SÃO PAULO - JULHO DE 1954 — ANO II

CONSOLIDAÇÃO DA USE

UMA FASE SUPERADA E OUTRA A SUPERAR

As conclusões do IV Congresso Espírita Estadual revelaram o alto grau de consolidação atingido pela USE. As reuniões do Congresso decorreram de maneira harmoniosa, e as próprias modificações introduzidas nos estatutos não foram além de algumas disposições, e tão-sòmente para atender às necessidades do desenvolvimento do trabalho de unificação, ou às conveniências de maior clareza no texto.

Podem os espíritas paulistas regozijar-se com os resultados do Congresso. O interêsse demonstrado pelos Confrades do interior e da capital revelou o amadurecimento já atingido pela idéia de unificação. A USE não é mais um ideal, um sonho, um objetivo a atingir. É uma realidade. Um organismo vivo, que funciona por si mesmo, que independe de estímulos artificiais.

Não há dúvida que o relatório do Secretário-Geral sôbre os trabalhos da gestão da Diretoria anterior mostrou algumas deficiências graves, que devem ser corrigidas. O problema financeiro, por exemplo, continua sem solução. A falta de funcionamento das Comissões, de reunião de algumas UDES, UMES e Conselhos Regionais, de maior e mais efetivo interêsse pela divulgação do nosso jornal, foram pontos objetivamente indicados no relatório, ao estudo e à meditação dos Congressistas.

Mas é evidente que não poderíamos querer, já no quarto Congresso, dispor de um organismo perfeito. Sabemos, aliás, muito bem, que a perfeição não é própria da Terra, e menos ainda da humanidade, nesta fase em que ela apenas começa a se libertar do estágio expiatório. Os erros apontados mereceram estudo, chamaram a atenção dos Srs. Congressistas. Resta-nos esperar, agora, que êles sejam corrigidos, tanto na capital como no interior, por todos os que compreendem a grande responsabilidade do nosso movimento.

Aproveitamos a oportunidade dêste artigo para chamar particularmente a atenção dos Confrades para o problema financeiro. Chegou o momento em que precisamos resolvê-lo, em que não mais poderemos protelar a sua solução. Até agora foi possível, e até mesmo conveniente, deixarmos a solução do caso para mais tarde. O que mais interessava era o problema da unificação em si, o problema de despertar a consciência de fraternidade doutrinária, de estimular nos Confrades o interêsse pela união de esforços, em favor de mais eficiente propagação da Doutrina. O problema financeiro foi então deixado pràticamente de lado. Não se podia nem se devia insistir demasiado nesse assunto, que, dada a incompreensão reinante em muitos meios, poderia até mesmo converter-se em instrumento de desunião.

Formada, porém, a consciência unificadora, que hoje tão firmemente se revela, é indispensável alertarmos os Confrades para a responsabilidade financeira do movimento de unificação. Todos nós sabemos qual a repugnância que assuntos desta natureza provoca nos meios espíritas. Aprendemos com Allan Kardec, numa interpretação doutrinária dos ensinos evangélicos, que devemos procurar "primeiro, o reino do Espírito". Além disso, a reminiscência do que o dinheiro fêz e representou, no passado religioso da humanidade, está sempre bem viva em nosso ânimo. Mas, apesar de tudo isso, devemos reconhecer que a USE, como os Centros, os Núcleos, os Grupos e as Instituições Espíritas de Assistência ou Educação, não pode funcionar sem a necessária base financeira.

Os Católicos e os Protestantes, como sabemos, concorrem generosamente para as suas igrejas. O exemplo dos Protestantes, particularmente, porque baseado no sistema bíblico do dízimo, deveria tocar-nos de perto. É indispensável que os Espíritas compreendam a necessidade de contribuir para o movimento doutrinário. O nosso próprio jornal estará ameaçado, se os Confrades não romperem, o quanto antes, com o mau hábito da indiferença em matéria financeira.

As grandes instituições espíritas, em geral, se formam e vivem graças à abnegação de pequenos grupos de contribuintes. A própria USE, até agora, viveu graças a êsses abnegados companheiros, que muitas vêzes sentiram, em suas finanças particulares, o pêso da indiferença da maioria. Entretanto, se todos compreendessem os seus deveres, e cada um procurasse dar a sua pequena contribuição, tudo correria muito bem, sem pesar sôbre ninguém.

A esta altura do movimento de unificação, não há mais qualquer motivo para suspeitas e temores. Nenhum espírita consciente tem o direito de se retrair, em matéria de contribuição financeira, alegando não saber se o seu dinheiro será bem empregado, se o destino que lhe vai dar é realmente útil. O movimento de unificação é hoje a mais alta e perfeita expressão do Espiritismo em nosso Estado. Deixar de contribuir para êle, deixar de auxiliá-lo, é negar apoio à própria Doutrina.

Completemos, pois, nos dois anos que temos pela frente, separando-nos do V Congresso, a consolidação da USE. Demos-lhe as bases financeiras normais de que ela necessita, para que nada mais possa ameaçar, nem de leve, a sua estabilidade. Conseguimos, até agora, a consolidação no plano das relações humanas, da compreensão do movimento, da criação de uma consciência fraterna entre os Espíritas. O primeiro grande passo, o passo decisivo, já está dado. Realizemos agora o esfôrço material necessário, dando à USE a base indispensável ao prosseguimento dos seus trabalhos.

Os Conselhos Regionais não podem descuidar da questão financeira. As UDES e UMES estão no dever imediato de trabalhar para que os Confrades, em tôda parte, colaborem na manutenção do movimento unificador. Não podemos ficar na dependência de contribuições estranhas, de auxílios do poder público, e menos ainda do sacrifício sem limites de alguns poucos e abnegados Confrades. O movimento é nosso. Nós, Espíritas, devemos mantê-lo, temos obrigação de mantê-lo, com as nossas contribuições regulares, como os Católicos e os Protestantes mantêm as suas igrejas, como os políticos mantêm os seus partidos, como os maçons, os teosofistas e os exoteristas mantêm as suas instituições. Não nos esqueçamos disso, para que a obra de consolidação da USE possa estar completa, dentro em pouco.

O Congresso da Consolidação

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

A acolhida ao chamamento dos espíritas do Estado de São Paulo para o IV Congresso do movimento de unificação foi a melhor possível, o que se depreende da presença da quase totalidade dos maiores responsáveis pela marcha da Doutrina de redenção em nosso Estado.

O fato notável de todos êles, homens cheios de afazeres e de responsabilidades, deixarem seus lares e suas cidades a fim de se reunirem na Capital para estreitarem os laços de fraternidade com seus correligionários do Estado todo, positivando com êles, em bases cada vez mais sólidas, o grande ideal da Unificação, bem revela o alto senso de responsabilidade que já se apossou dos espíritas paulistas, e o forte espírito de renúncia de que estão todos possuídos no sentido de trabalharem, com Jesus, pela Humanidade, no duplo sentido da difusão dos princípios espiritualistas essenciais à evolução humana e da implantação definitiva do reinado do Bem, na Terra.

Essas são as duas finalidades mais importantes que o movimento de unificação dos espíritas procura atingir e realizar. Por ora estamos ainda na fase de arregimentação de fôrças e de valores para que a Doutrina seja preservada da corrupção, e para que seja difundida com eficácia cada vez maior e exemplificada de maneira cada vez mais positiva e permanente.

O que essencialmente caracterizou o IV Congresso da USE foi exatamente a consolidação da arregimentação das fôrças humanas espíritas esparsas pelo Estado, com uma aceitação ainda mais positiva das tarefas e das responsabilidades que cabem a cada elemento e a cada núcleo. Se não se consolida a arregimentação dos fatôres humanos e se êsses não se capacitam de suas elevadas responsabilidades diante do Mestre, da Doutrina e da Humanidade, evidentemente a obra estará fadada a malôgro, o movimento se torna de duração efêmera e a meta colimada não será atingida com pesados ônus kármicos para os seus componentes. Felizmente isso não se deu, pois o Congresso atingiu plenamente os seus objetivos.

Além dos ideais espontâneos de difusão da Doutrina e da implantação do reinado do Bem entre as criaturas, um outro fator parece ter concorrido, dessa vez, para a maior união entre os espíritas: o ataque à Doutrina por parte do clero. Esses ataques, não importa de onde partam, concorrem poderosamente para a maior união dos componentes da parte atacada, obrigando-os a estudos mais acurados e a exemplificações mais positivas, o que redunda em grande benefício para a Causa. Esses ataques representam para o nosso movimento de unificação o mesmo que a dor representa para a nossa evolução espiritual; se não queremos evoluir pelo discernimento, com Jesus e com Kardec, então a dor entra em cena, obrigando-nos à evolução, à aceitação da vontade do Criador. Assim, igualmente, se todos os espíritas do Estado ainda não se capacitaram da necessidade do movimento de unificação, surge agora no nosso cenário social-doutrinário êsse novo fator que tornará bem evidente a necessidade da união mais íntima dos espíritas e que, separando o joio do trigo, acabará por facilitar poderosamente a unificação dos espíritas de verdade.

Em um artigo publicado na Revista Espírita de dezembro de 1863, Kardec dividia a evolução da Doutrina em seis períodos, que são, respectivamente: O da curiosidade, o filosófico, o de luta, o religioso, o intermediário e o da renovação social. Com a campanha que ora nos move o clero, parece que estamos consolidando, no Brasil, o quarto período, o período religioso, o qual visa, evidentemente, uma renovação integral da mentalidade dita religiosa, impelindo-a a uma elaboração íntima, pelo conhecimento e pelo sentimento, em detrimento das manifestações de culto externo e da aceitação passiva de princípios dogmáticos que a razão rejeita. Fase difícil porque relacionada com um misticismo atávico, mas fase absolutamente necessária porque o mundo, principalmente o ocidental, está profundamente necessitado dessa renovação da mentalidade religiosa, sem a qual o materialismo científico levará a Humanidade para uma desgraça total. Essa tarefa ingente e melindrosa coube, por determinação do Alto, ao Espiritismo, e, em particular, aos espíritas do Brasil. No que se refere às práticas exteriores, caminhamos para a concepção, a aceitação e a prática daquela religião a que Jesus se referiu na sua conversação com a mulher samaritana, religião de espírito, tôda ela interior; em relação ao seu caráter e à sua base, caminhamos para a religião científica a que tão bem se referiu Flammarion nestes têrmos incisivos: "Pressente-se e se pode prever que a religião do futuro será científica, será fundada no conhecimento dos fatos psíquicos. Esta religião da ciência terá sôbre tôdas as outras anteriores uma vantagem considerável: a unidade".

(Cont. na pág. 2)

Voltarás Amanhã

Não repouses na gleba de possibilidades que o Divino Amor te confiou ao coração na Terra.

Voltarás amanhã para colhêr o que hoje semeias.

Ninguém te pede milagres de santidade num dia.

A árvore vigorosa não cresceu de improviso.

A cidade em que renasceste não se levantou de repente.

Tudo se desenvolve, minuto a minuto...

A vida impõe-te "agora" as conseqüências do "antes".

Somos hoje, no espaço e no tempo, a projeção do que fomos...

Se a dor é a tua mestra constante, agradece-lhe o serviço e aprende a lição. Ela é o recurso invisível, com que a Bondade do Senhor te arrebata ao labirinto das sombras de ti mesmo.

Se recebeste alguma facilidade para atravessar, com êxito, a escura região terrestre, não te confies à preguiça ou à vaidade, para que o sofrimento não seja convidado a desintegrar a gelada neblina, em que te sepultarás sem perceber.

Não te esqueças.

A oportunidade passa, mas a luta adiada volta sempre.

Amanhã reencontrarás a ti mesmo, na paisagem que o mundo te oferece, nos ideais que esposas, nos trabalhos confiados à tua mão ou na pessoa do próximo que honras ou menosprezas...

Cumpramos, pois, agora, os nossos iluminados deveres em face da Lei. Convertamos nossa experiência pessoal em serviço a todos, transformando as horas, que Deus nos empresta, em bênçãos de utilidade, beleza ,graça e harmonia e o futuro constituirá para nossa alma abençoado e celeste caminho de ascensão.

Não critiques destruindo.

Não julgues o mal por mal.

Não firas a ninguém.

Não revides os golpes da sombra para que te não demores nas malhas da treva.

Não retribuas ofensa por ofensa, amargura por amargura, incompreensão por incompreensão.

Ama, auxilia e passa e quando regressares à Terra amanhã, o mundo receberá teus pés em chuva de bênçãos.

Emanuel

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Tese aprovada pelo IV Congresso Espírita Estadual na Sessão Plenária de 10 de julho de 1954

Item I — A organização da USE e seu funcionamento:

a) Apreciação;

b) Sugestões para o seu aperfeiçoamento.

No art. 41.º dos Estatutos foi dividido o território estadual em 12 regiões e pelo art. 21.º temos o município da Capital dividido em 12 zonas. As Regiões do Interior se compõem de Uniões Municipais, sendo estas formadas pelas Sociedades Espíritas dos respectivos municípios; ao passo que na Capital as Uniões Distritais, formadas pelas sociedades de um ou mais Distritos, compõem o Conselho Metropolitano.

O órgão máximo da USE é o Conselho Deliberativo Estadual, constituido de um representante direto de cada região do Interior e de cada zona da Capital e ainda por dois representantes de cada Sociedade patrocinadora do 1.º Congresso Estadual que criou a USE, em número de quatro. Estas dão 8 Conselheiros, a Capital dá 12 e o Interior igualmente 12, ficando o Conselho composto por 32 membros. As Uniões Municipais e Distritais, os Conselhos Regionais e o Metropolitano executam as suas deliberações pelas suas respectivas Comissões Executivas, eleitas dentre os seus membros, as quais respondem pelo bom andamento dos órgãos a que pertencem.

Uma Diretoria Executiva, eleita pela Assembléia Geral, é responsável pela execução das resoluções do Congresso e das deliberações do Conselho Deliberativo Estadual, pelo cumprimento dos Estatutos e pelo bom funcionamento de todo o organismo; responde perante os poderes públicos pela Sociedade e a representa oficialmente perante o Conselho Federativo Nacional.

Para a execução de suas múltiplas tarefas a Diretoria Executiva, composta de 8 membros, conta com Departamentos especializados, para os quais distribui as tarefas correspondentes.

Em esbôço está aí a estrutura orgânica da USE. Para os dias presentes representa o máximo a que se pode chegar.

Nacional.

Para a execução de suas múltiplas tarefas a Diretoria Executiva, composta de 8 membros, conta com Departamentos especializados, para os quais distribui as tarefas correspondentes.

Em esbôço está aí a estrutura orgânica da USE. Para os dias presentes representa o máximo a que se pode chegar.

Consideramos perfeita uma organização nos moldes acima. A lei do equilíbrio, o princípio da descentralização, a oportunidade de serviço e experiência para número maior de dirigentes e colaboradores constituem o apanágio de quantos busquem algo de sério, de construtivo, de duradouro na Seara Espírita.

Apreciemos o seu funcionamento. Nos Municípios do Interior e nos Distritos da Capital reunem-se os Centros e Instituições Espíritas em Uniões Municipais e Distritais, respectivamente, onde são tratados os assuntos locais, examinados pelos representantes das sociedades integrantes, ficando assim afastada a influência pessoal ou unilateral, imprimindo aos problemas e assuntos o sadio cunho social.

Os Conselhos Regionais, integrados pelos representantes das Uniões Municipais, têm em suas pastas de trabalho os assuntos da ordem regional, abrangendo campo maior, os quais são levados pelas respectivas Uniões e tratados pelos seus legítimos representantes; ou pelo conjunto das Uniões Distritais, que formam o Conselho Metropolitano e nêle são tratados os assuntos de ordem mais geral e que uma só UDE não poderá atender. No Metropolitano são tratados todos os assuntos relativos à Capital, e, também, é nêle que os casos surgidos nas UDEs encontrarão solução autorizada.

O órgão máximo da USE, o Conselho Deliberativo Estadual, que é integrado pelos representantes dos Conselhos Regionais, pelos do Conselho Metropolitano (neste em proporção às UDEs representadas) e pelos representantes das patrocinadoras, trata de todos os assuntos de âmbito estadual, decide sôbre todos os casos que ultrapassam os Regionais e o Metropolitano, delibera sôbre os assuntos superiores, sendo a última instância no Estado, tendo sôbre si sòmente o Congresso, órgão soberano que traça os destinos da USE, dando-lhe a fôrça e a autoridade legal, pois que na USE os Congressos Estaduais são estatutários.

Todo e qualquer assunto ou caso surgido dentro do Estado encontra seu devido lugar para ser tratado e resolvido; quer nos bairros da Capital, quer nas cidades do Interior; tanto nas regiões interioranas como no Município da Capital, como ainda relativamente ao Estado, em relação com outros Estados ou com o País, encontra sempre o lugar adequado para serem êles levados, tratados e resolvidos, disciplinadamente, dentro da ordem jerárquica, assegurados pelos Estatutos e Regimentos oficiais.

Como vemos, também do ponto de vista do seu funcionamento, o organismo unificador — a USE — apresenta-se perfeito, pois preenche satisfatòriamente tôdas as partes ativas e sadias, sendo dotado de todos os órgãos funcionais, os quais, bem entrosados e dispostos em ordem crescente, partindo de base sólida — as sociedades constituídas — desdobrando-se de forma natural, estabelecendo três instâncias, de tal forma que parece incabível um acréscimo ou a supressão de uma delas.

Sendo embora uma ordem jerárquica, não apresenta os males característicos das jerarquias absolutas, pois os membros da última instância podem ser aquêles mesmos que participam da primeira.

Êsse mecanismo assim tão meticulosamente organizado visa a vários fins de elevado ideal e de profundo alcance social. Dentre essas finalidades ocupam lugar de destaque os seguintes:

Sendo embora uma ordem jerárquica, não apresenta os males característicos das jerarquias absolutas, pois os membros da última instância podem ser aquêles mesmos que participam da primeira.

Êsse mecanismo assim tão meticulosamente organizado visa a vários fins de elevado ideal e de profundo alcance social. Dentre essas finalidades ocupam lugar de destaque os seguintes:

1.º) Pela aproximação cada vez mais íntima e mais freqüente, aumentar a amizade dos espíritas entre si, eliminando paulatina e progressivamente as incompatibilidades porventura existentes. A amizade é fruto da convivência e dos esforços dentro de ideal comum.

2.º) Difusão ampla, perfeita e profunda da Doutrina Espírita, sempre com base na codificação kardeciana, visando à espiritualização mais rápida e mais segura da Humanidade, procurando atingir o ideal cristão da solidariedade entre os homens, através do esclarecimento acêrca dos magnos problemas atinentes ao Espírito e à concepção deísta da Vida.

3.º) Levantamento geral do nível de cultura espírita entre os adeptos da Doutrina, quer no que concerne ao seu aspecto teórico, quer no que respeita ao seu aspecto prático, de tal forma que um elemento possa freqüentar qualquer grupo ou meio espírita sem se sentir deslocado ou incompreendido.

4.º) Preservação da pureza doutrinária, evitando o abastardamento de suas práticas e a adulteração de seus princípios fundamentais, nessa fase perigosa de tendência à inversão dos valores espirituais por que está passando a Humanidade, fase em que a confusão tenta ofuscar e apagar a luz dos postulados sadios de tôdas as verdades que o homem já conhece ou ainda precisa conhecer.

5.º) União de fôrças, de esforços e de talentos para a realização condigna das funções sociais reservadas ao Espiritismo, visando à reforma do homem e facilitando a evolução de tôda a Humanidade a caminho da libertação das misérias físicas, da ignorância, do egoísmo, do fanatismo e do personalismo doentio que têm caracterizado a grande maioria dos homens do Planêta.

6.º) Pela união fraterna e esclarecida opor tenaz barreira às ações negativas das fôrças de menos evolução espiritual e que lutam para manter o Planêta em estado de penúria e de ignorância espiritual, de caos social e de lutas fratricidas, procurando distanciar os homens cada vez mais das Leis Divinas, que se caracterizam pelo Amor, pela Sabedoria, pela Justiça, pelo Trabalho, pela Harmonia, pela Verdade e pela Pureza.

São essas as principais finalidades que o movimento de unificação visa atingir, para o bem de cada um e para o bem de tôda a Humanidade.

Não olvidemos que a tarefa do Espiritismo é a de **"revolver e reformar o mundo inteiro"**, segundo a incisiva e histórica afirmativa do **Espírito de Verdade** a Kardec, cuja significação revive com maior império na atual fase da Doutrina — **a unificação das suas fôrças sociais.**

Essa imensa tarefa transcende as possibilidades de indivíduos e de pequenos grupos; é tarefa tão complexa e tão elevada que só poderá ser realizada pelas grandes coletividades unidas por um ideal comum, em bases sólidas, sob constante zêlo, prudência, paciência infinita, imensa fé e imprescindível assistência do Alto.

Urge nos despertemos, todos os espíritas, diante dessas verdades essenciais, para a consecução dos nossos deveres e das nossas responsabilidades, a fim de que todos demos o máximo dos nossos esforços, das nossas possibilidades e do nosso trabalho.

Nossa opinião é a de que a USE, como Orga-
cia, paciência infinita, imensa fé e imprescindível assistência do Alto.

Urge nos despertemos, todos os espíritas, diante dessas verdades essenciais, para a consecução dos nossos deveres e das nossas responsabilidades, a fim de que todos demos o máximo dos nossos esforços, das nossas possibilidades e do nosso trabalho.

Nossa opinião é a de que a USE, como Organismo Unificador e Direcional do Movimento Espírita no Estado, está em perfeitas condições de atender às suas finalidades.

Estamos, entretanto, de acôrdo que algo lhe falta para se elevar a sua eficiência a grau mais alto, como todos almejamos.

Julgando que falta melhor preparação aos seus elementos integrantes; que é necessário seja a USE bem conhecida quanto à sua organização, ao seu funcionamento e às suas reais finalidades.

PROPOMOS:

1.º — **Seja posta em prática, em todo o Estado, ampla e planejada campanha de esclarecimento sôbre o que é a USE, como funciona e quais as suas finalidades;**

2.º — **seja criado, com a colaboração de todos os dirigentes Espíritas, um clima favorável e de boa vontade, para a aplicação do plano de trabalho da USE;**

3.º — **que os Espíritas responsáveis do Estado cumpram os sagrados deveres assumidos para com o Movimento de Unificação.**

Sejam estendidos êsses deveres e a campanha de esclarecimento àquelas nobres Sociedades Patrocinadoras do 1.º Congresso Espírita Estadual, que se tenham mantido dignamente dentro dos princípios da Doutrina e da Moral do Evangelho e enquanto nessa posição fundamental se mantiverem, pois a USE jamais poderá prescindir de tais qualidades como base para a sua obra de FÉ e de IDEAL.

O Congresso da Consolidação

(Conclusão)

Nesta fase, mais que em qualquer outra, há grande perigo de desvirtuamento da Doutrina; por isso, mais que nunca, os espíritas do movimento de unificação devem permanecer alertas, preservando a Doutrina de eventuais deturpações. A finalidade é elevar sempre, sublimar cada vez mais, tornar cada vez mais positivos e científicos os postulados básicos do Espiritismo, impondo-os ao mundo pela fôrça de sua lógica, pela sua base científica e pelo profundo alcance moral-social de seus ensinamentos.

Mais que em qualquer outro, os espíritas do Estado de São Paulo parecem ter sentido nesse quarto Congresso da USE, êsse momento solene de uma imprescindível transição, e a necessidade de muita vigilância e de muito desvelo para que a transição se processe conforme a vontade do Divino Mestre, a bem de todos, sem ódios e sem violências, de modo positivo, firme, e pela persuasão fraterna.

Permaneçamos, pois, unidos pela inteligência e pelo sentimento, porque as ingentes tarefas do movimento de unificação estão apenas principiando, estão apenas começando a se fazer sentir.

Instinto e Responsabilidade

Ary Lex

Os psicólogos dividem a consciência, isto é, o Eu pensante, em três graus: consciente, inconsciente e subconsciente, explicando, assim, a existência em nós de idéias inatas e instintos. Minha finalidade não é entrar no estudo detalhado dêsse assunto. Permitam-me, apenas, os leitores que eu cite a comparação de Maxwell: Consideremos uma grande sala, com uma infinidade de objetos, inteiramente às escuras. Para podermos enxergar, no interior dessa sala, utilizamos uma lanterna. Pois bem, a sala escura é o inconsciente; a lanterna, o consciente e o vidro da lanterna, a atenção. A lanterna pode iluminar espaço maior ou menor da sala e, dessa forma, será maior ou menor a zona consciente. Só temos noção dos objetos compreendidos nessa zona. Entretanto, os outros lá estão, embora sem serem vistos. Dos fatos subconscientes há uma noção vaga, nebulosa. Seria, na comparação de Maxwell, a penumbra que fica em tôrno da região iluminada.

Só são conscientes os atos praticados deliberadamente, com intervenção da razão. Contudo, nossa vida não se constitui apenas de atos conscientes. Muitos impulsos e tendências vêm do inconsciente onde reside todo o patrimônio dos instintos. Originam êles os chamados complexos subconscientes.

O Espiritismo aceita o subconsciente e o inconsciente sob aspecto um pouco diferente. O materialismo julga que todos os fatos inconscientes e instintivos são provenientes de herança orgânica. Assim, por tôdas as corças temerem o leão é que, inconscientemente, uma corça que nunca viu uma dessas feras foge espavorida ante a sua aproximação. Pela hipótese materialista, todos os instintos são transmitidos de pais e filhos.

Segundo o Espiritismo, os instintos e tendências estão conservados em nosso ser, armazenados naquela matéria sutil do perispírito. Com a encarnação, êsses instintos, encontrando matéria que possam influenciar, manifestam-se, sendo mais ou menos refreados pela vontade, de acôrdo com a evolução da pessoa. Como os materialistas, admitimos que os instintos são restos da animalidade, porém, para nós, êsses vestígios permaneceram no perispírito e não foram

nosso ser, armazenados naquela matéria sutil do perispírito. Com a encarnação, êsses instintos, encontrando matéria que possam influenciar, manifestam-se, sendo mais ou menos refreados pela vontade, de acôrdo com a evolução da pessoa. Como os materialistas, admitimos que os instintos são restos da animalidade, porém, para nós, êsses vestígios permaneceram no perispírito e não foram

herdados dos ascendentes. São indícios da nossa passagem pela série animal.

A Grande Síntese confirma esta nossa explicação, nos seguintes têrmos: "Investigando o subconsciente, encontrareis nêle todo o vosso passado, a ressurgir nos instintos, nas tendências, nas simpatias e nas antipatias. Quem vos pode haver construído planos de gratuitos conhecimentos instintivos senão o vosso passado? Há em vós zonas mais profundas, as dos instintos mais estáveis, onde se agitam os impulsos fundamentais da vida, qual ela se definiu em suas fases mais distantes. Sobrevivências obscuras, abismais, de uma primordial vida protoplásmica, a se agitarem agora nas fibras íntimas do vosso organismo; instintos, quais os de conservação, defesa, reprodução, a explodirem de quando em quando, improvisadamente, de uma zona de mistério, que desconheceis, na vossa consciência"...:

Nos animais, a atividade instintiva é o estado permanente, definitivo. No homem, houve aparecimento da vontade, do raciocínio e pleno desenvolvimento do consciente. A atividade instintiva é passageira, sendo substituída pela vontade.

Se observarmos a evolução da personalidade na série animal, veremos que, antes do ser possuir a capacidade do raciocínio, age levado pelos instintos básicos de conservação do indivíduo e perpetuação da espécie. À medida que os sêres vão evoluindo, sua razão vai se tornando mais potente e êles vão ficando cada vez mais conscientes de seus atos, isto é, a parte da atividade instintiva vai diminuindo, ao mesmo tempo que vai aumentando a atividade consciente. Concomitantemente, surge e se desenvolve a responsabilidade individual. Quanto mais consciente de seus atos, mais responsável é o ser.

Geralmente a vontade leva-nos a agir de forma a não sofrermos ou a obtermos as cousas do modo mais fácil possível. Todavia os grandes ideais podem nos impelir a um procedimento que acarrete sofrimentos, porque não norteados por uma moral superior e ela não se coaduna com as adaptações momentâneas de procedimento. Os ideais, nesses casos, conseguem sobrepujar o instinto de conservação, que nos leva sempre a procurar o bem-estar. Tal confôrto, se muitas vêzes pode e deve ser buscado, em outras ocasiões redundaria em sacrifício do nosso próximo. Ai daquele que não titubeia em sacrificar dinheiro, bem-estar, alegria, saúde e até a vida de seu semelhante, em holocausto à sua furiosa ambição. Ai dêsses que atravessam a existência calcando sob os pés os seus irmãos, a honra e a dignidade alheias. A lei inexorável e eterna fá-los-á pagar, ceitil a ceitil, o tributo dos seus erros.

O homem é responsável pelos seus atos, na medida do seu conhecimento. Quanto mais civilizado, quanto mais instruído, maior noção tem de seus deveres e, porisso, mais responsável é pelas suas ações. Se aos animais não podemos culpar por destruirem os seus semelhantes, por agirem sem consciência do mal, o mesmo não acontece com o homem. Nêle, o intelecto é mais desenvolvido, a vontade domina o instinto e a responsabilidade é enorme.

A finalidade máxima da civilização não é o aperfeiçoamento mecânico, mas sim o desenvolvimento da personalidade humana. Tal personalidade, sadiamente orientada por uma moral nobre, ascenderá ràpidamente na trilha luminosa da evolução.

Precisamos ter em nossa vida sadios ideais, que se sobreponham aos interêsses mundanos e que sejam capazes de bem orientar nosso modo de agir. Não se consegue combater o vício simplesmente raciocinando e verificando que êle é prejudicial. E' mister substituirmos essa paixão por outra benéfica.

ral nobre, ascenderá ràpidamente na trilha luminosa da evolução.

Precisamos ter em nossa vida sadios ideais, que se sobreponham aos interêsses mundanos e que sejam capazes de bem orientar nosso modo de agir. Não se consegue combater o vício simplesmente raciocinando e verificando que êle é prejudicial. E' mister substituirmos essa paixão por outra benéfica.

Quando as más tendências provêm dos porões do nosso espírito, das regiões do inconsciente, é necessário que substituamos tais tendências por aspirações mais nobres, por sentimentos de bondade e de fraternidade. Cabe ao nosso consciente o domínio sôbre as tendências atávicas. Da luta contra elas, culminando na vitória do Eu pensante, emergirá uma nova individualidade, mais evoluída, mais espiritualizada.

O amor traz em si mesmo a sua fortaleza. O ódio traz o cunho de sua procedência animal. Ensinar a substituir o egoísmo por altruísmo, o ódio por amor, tal é a missão da verdadeira religião.

ESPERANTISMO

MÁRIO RODRIGUES MONTEIRO

Idioma cientificamente elaborado por um genial lingüista; com um vocabulário formado das raízes mais amplamente internacionalizadas, reconhecíveis, em grande parte, à primeira vista, pelos naturais de qualquer país; com uma gramática consistente exclusivamente em 16 regras sem exceção alguma, a qual pode ser perfeitamente aprendida em duas horas, uma ortografia rigorosamente fonética e uma sintaxe muitíssimo simples por ser absolutamente racional; dispondo de prefixos e sufixos de emprêgo definido e regular, os quais permitem multiplicar consideràvelmente as palavras primitivas, o Esperanto é, no dizer da Academia de Ciências da França, uma "obra prima de lógica e simplicidade", ou, na opinião do beletrista Haroldo Daltro, em "Beira-Mar", "uma vitória científica, como o rádio, o cinema, a telegrafia sem fio". Tão fácil é o Esperanto, que certo ilustre samidiano dizia-nos há tempos ter-lhe sido difícil acreditar, antes de estudá-lo, pudesse o idioma funcionar perfeitamente com tão reduzida gramática.

Todavia, não é sòmente a extrema facilidade, não é apenas a inexcedível clareza que fazem do idioma de Zamenhof a atração de milhares de pensadores e o tornam merecedor de entusiástica adesão e de persistente propagação por parte de inúmeras pessoas em tôdas as regiões do globo. O que faz muitos abnegados empregar tempo e dinheiro numa propaganda sem fins utilitários imediatos, o que leva muitos apóstolos a sustentar tenaz luta, durante tôda a existência, em prol da divulgação e do ensino do idioma neutro, é o ideal do Esperantismo, é a "idéia interna" do Esperanto.

Esperantismo é crença no progresso moral da Humanidade; é fé num futuro melhor para os homens; é esperança de concórdia, anseio de confraternização ;é certeza de que, mais cedo ou mais tarde, os povos entender-se-ão melhor, no idioma auxiliar, então ensinado em tôdas as escolas do mundo, ao lado da língua pátria. E essa fé, e êsse anseio, e essa certeza, decorrem da observação dos fatos diários, comprovadores de ser, realmente, a diferença de línguas gravíssimo entrave para o entendimento generalizado entre os homens, para a paz entre as nações. Foi a noção do Esperantismo que levou Zamenhof a conceber o seu maravilhoso idioma. Criado numa cidade onde elementos de quatro línguas diferentes (alemães ,hebreus, poloneses e russos) viviam em constante luta, ùnicamente porque cada um dos quatro grupos correspondentes julgava ser seu idioma, sua cultura, sua religião superiores aos dos outros, e havendo mesmo presenciado derramentos de sangue por tal motivo, o jovem Zamenhof chegou à conclusão de que uma língua neutra, de uso internacional, contribuiria muitíssimo para estabelecer uma indispensável harmonia entre povos de idiomas diversos.

Não acreditam ingênuamente os esperantistas, contudo, que a língua internacional, por si só, consiga implantar a paz entre os homens. A êsse respeito, o próprio criador do idioma pronunciou, na abertura do Segundo Congresso Universal de Esperanto, no ano de 1906, em Genebra, as seguintes palavras:

"Não somos tão ingênuos como o pensam algumas pessoas: não cremos que a simples "generalização duma língua neutra faça dos homens anjos; os maus, sabemo-lo perfei-"tamente ,poderão continuar sendo maus, mesmo depois de tal generalização; mas cremos "que uma fecunda aproximação, facilitada por uma língua neutra e generalizada, im-"pedirá, pelo menos em grande parte, monstruosidades e crimes, causados, não por "malevolência, mas simplesmente por absoluta falta de conhecimento direto entre os povos."

Assim pensam ainda hoje os que trabalham pelo Esperantismo. Os povos de línguas diferentes repelem-se instintivamente por falta de contato direto, e, por conseguinte, de compreensão. Ninguém gosta de aprender um idioma estrangeiro e, quando o aprende, raramente procura conhecer a cultura do povo que o fala, assimilar o pensamento dos

Não acreditam ingênuamente os esperantistas, contudo, que a língua internacional, por si só, consiga implantar a paz entre os homens. A êsse respeito, o próprio criador do idioma pronunciou, na abertura do Segundo Congresso Universal de Esperanto, no ano de 1906, em Genebra, as seguintes palavras:

"Não somos tão ingênuos como o pensam algumas pessoas: não cremos que a simples "generalização duma língua neutra faça dos homens anjos; os maus, sabemo-lo perfei-"tamente ,poderão continuar sendo maus, mesmo depois de tal generalização; mas cremos "que uma fecunda aproximação, facilitada por uma língua neutra e generalizada, im-"pedirá, pelo menos em grande parte, monstruosidades e crimes, causados, não por "malevolência, mas simplesmente por absoluta falta de conhecimento direto entre os povos."

Assim pensam ainda hoje os que trabalham pelo Esperantismo. Os povos de línguas diferentes repelem-se instintivamente por falta de contato direto, e, por conseguinte, de compreensão. Ninguém gosta de aprender um idioma estrangeiro e, quando o aprende, raramente procura conhecer a cultura do povo que o fala, assimilar o pensamento dos

seus filósofos, ler os seus bons romancistas e poetas. Conseqüentemente, nunca se põe em afinidade moral com êsse povo, jamais por êle sente verdadeira, profunda simpatia. Fenômeno contrário — isto é, adaptar-se imediatamente ao meio o homem que emigra para país onde se fala língua igua là da sua pátria — é fácil de constatar: portuguêses no Brasil, espanhóis na Argentina, inglêses nos Estados Unidos, entram logo na comunhão nacional, porque lêem os mesmos livros, porque se expressam no mesmo idioma. E a medalha tem o seu reverso: Os emigrantes de idiomas diferentes, agrupam-se em colônias, organizam seus clubes, seus jornais, suas igrejas inteiramente à parte, insulando-se dessa maneira do povo que os hospeda, do país que os agasalha. Quando se trata de imigrante ou visitante conhecedor do Esperanto, o caso é inteiramente diverso: O imigrante entra em contato com os "samidianos" nacionais e, como se entendem bem, vivem como se fôssem compatriotas. O turista, por seu turno, procura também sem perda de tempo os esperantistas do país visitado e, mesmo depois de regressar à pátria, mantém epistolàrmente as mais estreitas relações de amizade com aquêles que o compreenderam e o guiaram em terra estranha.

O ideal do Esperantismo se ajusta harmoniosamente a qualquer moral religiosa elevada. Sentem-no igualmente esperantistas católicos, protestantes, judeus, espíritas, positivistas, budistas, teosofistas, etc. Pairando acima das competições sectárias, o Esperantismo consegue fàcilmente fazer confraternizar os adeptos dos vários credos. Conhecemos, por nossa parte, numerosos esperantistas de religiões diferentes, que se estimam profunda e sinceramente, unidos todos que estão "sur neutrala lingua fundamento".

Essas e outras considerações permitem acreditar ,com otimismo, que, à fôrça de perseverar, veremos, num dia que já estêve mais longe, a Humanidade confraternizada formando, segundo a profecia zamenhofiana, "unu grandan rondon familian".

JUNDIAÍ PREPARA-SE PARA A VIII CONCENTRAÇÃO

A 4 de julho, realizou o Conselho Diretor da VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo sua primeira reunião na cidade-sede da reunião.

Recebidos pelo confrade Sarmento, secretário do C. D., o presidente e o tesoureiro fizeram, em sua residência, na parte da manhã, uma ligeira troca de idéias sôbre o programa a ser realizado. À tarde, na sede da União Espírita jundiaiense, reuniram-se conjuntamente com os diretores de tôdas as entidades espíritas de Jundiaí, havendo, então, ampla movimentação de todos os assuntos ligados ao certame de moços.

Pôde-se observar, naquele ensejo, o entusiasmo e a dedicação que assinalam o trabalho dos espíritas de Jundiaí, a fim de que a VIII Concentração venha a concretizar-se com grande êxito. Reuniões como aquela, têm sido feitas mensalmente, sob o patrocínio da Mocidade Espírita, das quais resultou a constituição de diversas comissões, cada uma empenhada num setor de atividade. Assim é que a Comissão de Festas já promoveu um festival em junho e prepara outro para agôsto, com a renda integral destinada aos gastos da Concentração. A Comissão de Finanças organizou um Livro de Ouro e, através de listas e outros meios, tem arrecadado numerário para o empreendimento, de modo a possibilitar amplos recursos publicitários e de recepção. Pela Comissão de Propaganda foram distribuidas circulares a todos os Centros Espíritas da cidade, pedindo-lhes colaboração, sendo feita com regularidade a divulgação de notícias na imprensa local e a cobertura de tôda a área citadina com volantes alusivos ao certame. As Comissões de Recepção e Alojamento estão procedendo ao levantamento cadastral das famílias espíritas de Jundiaí, com a respectiva capacidade de hospedagem.

Com êstes aprestos, comandados pelos companheiros Sarmento e Fassina, vai o movimento ganhando corpo e se impondo, prognosticando uma esplêndida apoteose nos dias de sua efetivação.

Do encontro dos membros do Conselho Diretor com os responsáveis pelo movimento espírita jundiaiense resultaram algumas medidas assentadas com vistas ao programa da Concentração.

Exposição de Livros — Como o Regulamento prevê a exposição de obras espíritas, está sendo estudada a preparação de um recinto artisticamente ornamentado para a mesma, em que se ponham em destaque as obras básicas da Doutrina.

Venda de Livros — Se os entendimentos com as livrarias chegarem a bom têrmo, será feita grande venda de livros espíritas, abaixo do custo, como meio de divulgação dos princípios da Terceira Revelação.

Histórico das Concentrações — O Conselho Diretor vai redigir o histórico das Concentrações, acompanhado das mais importantes deliberações tomadas, e pretende publicá-lo em folhetos, a título de propaganda e fonte de consulta.

Horários e itinerários — Já está impressa, para distribuição a tôdas as Mocidades, uma circular, em que constam todos os itinerários para Jundiaí, com os respectivos horários de trem, ônibus e avião.

Dessa forma, já estão em franco andamento os preparativos para a VIII Concentração de Mocidades, a realizar-se em Jundiaí na semana santa de 1955.

Movimento dos Moços

(Palestra proferida pela jovem Maria Emília Barbôni, da Mocidade Espírita "Emmanuel", de Ribeirão Prêto, na "Hora Espiritual", por ocasião do II Congresso das Mocidades)

"Ser hoje melhor que ontem, e amanhã, melhor do que hoje — eis o grande objetivo da Vida". Com esta finalidade se movimentam os moços espíritas, visando êste ideal nobre e grandioso que é o seu aperfeiçoamento constante em todos os setores da vida humana. Para isto, se organizam as Concentrações e Congressos das Mocidades Espíritas, onde êstes jovens vão haurir novas fôrças, buscar outros esclarecimentos, arejar a sua mentalidade e, ao mesmo tempo, discutir e votar o melhor meio de se conduzirem, a fim de alcançar o objetivo colimado.

De volta destas reuniões, levam para as suas cidades, além desta bagagem, ainda uma grande dose de entusiasmo, dêsse entusiasmo contagiante que empolga e faz com que se trabalhe superando muitas vêzes os tropeços do caminho.

Vemos que o movimento dos moços é um dos que mais se tem desenvolvido dentro do Espiritismo, o seu progresso é coisa notória. E que fazem êstes moços?

Compete-lhes, dentro de suas possibilidades, ampliar a difusão do Espiritismo por meio do estudo criterioso de suas obras básicas, levando e difundindo êstes conhecimentos aonde lhes seja possível. A êles está afeta a colaboração nos problemas de ordem de assistência social e educacional, notadamente, com muito carinho, a que se refere à infância.

Desta maneira, os moços espíritas irmanados nos sublimes ideais do Cristianismo se entrelaçam numa amizade sincera, estendendo êsse movimento aos mais longínquos rincões.

Falar em movimento de moços é falar em desenvolvimento e progresso do Espiritismo.

Haja vista que, em 1947, na dita semana-santa, realizava-se em Barretos a Primeira Concentração das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, movimento que se foi repetindo anualmente. Em 1949, na Terceira Concentração, portanto, realizada na-santa, reálizava-se em Barretos a Primeira Concentração das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, movimento que se foi repetindo anualmente. Em 1949, na Terceira Concentração, portanto, realizada em Franca, foi estabelecido que estas Concentrações deixavam de ser apenas de São Paulo, para atingir também o Brasil Central, compreendendo, portanto, os Estados de S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, tal era o seu desenvolvimento. E aproveitando o seu crescente interêsse foi proposto agora na Sétima Concentração, realizada em Rio Verde, Estado de Goiás, que êsse movimento se tornasse de âmbito nacional.

Vemos, com alegria, neste simples relato, que o movimento tem se expandido; êle vem alterar o moço, fazendo-o pensar, perquirir e estudar o porquê da Vida, ao mesmo tempo descortina-lhe um novo campo de trabalho, ao qual êle procura dar desenvolvimento no propósito de uma humanidade melhor, com alicerces na paz e na fraternidade, mas isto só se dará com a transformação moral de cada um, dando futuramente a sociedade reformada.

Assim, pois, moço espírita! O teu viver deve ser um espelho que refletirá o trabalho, o amor, a solidariedade e a tolerância, imagens que fazem o teu semelhante meditar e seguir os teus exemplos edificantes.

Avante, pois!

Estudos-padrão para as Mocidades

Atendendo a uma série de solicitações e cumprindo as obrigações a que se propôs êste Departamento, comunicamos que, a partir do próximo número do "Unificação", iniciaremos a publicação dos estatutos-padrão para as Mocidades, com as alterações verificadas em resultado das resoluções aprovadas por ocasião do Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Da Mocidade Espírita de Taubaté, comunicando a realização da Sétima Semana Espírita daquela localidade, nos dias 25 de julho a 1.º de agôsto próximo. Agradecemos a comunicação e nos faremos representar.

A Reencarnação e os Textos

Carlos IMBASSAHY

Um ilustre frade amigo, antes de combater a reencarnação, fêz uma síntese, que valeria a pena reproduzir:

> *"OS POSTULADOS FUNDAMENTAIS DOS REENCARNACIONISTAS SE RESUMEM NOS SEGUINTES PONTOS:*
>
> *1) A vida presente não é a vida única do homem sôbre a terra: nem é a primeira, nem será a última: "Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir continuamente, esta é a lei". Segundo a maioria dos reencarnacionistas, nós homens, antes de sermos o que somos, passamos pelo reino animal, vegetal e até mesmo pelo reino mineral e depois ainda teremos que passar por outras muitas estrêlas, reencarnando sempre de novo, até alcançarmos a perfeição final, igual para todos.*
>
> *2) A alma humana, portanto, é o resultado de uma longa evolução pessoal e não foi criada por Deus no momento em que ela se uniu com o corpo.*
>
> *3) O corpo humano é apenas um "envoltório temporal" que "serve de alambique para a depuração dos espíritos"; esse nosso corpo, depois da morte, desaparece e quando a alma se reencarna toma um novo corpo "especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo"; mas o estado normal da alma perfeita é fora do corpo e por isso, quando tivermos alcançado a perfeição, viveremos definitivamente sem corpo ,donde conciuem: "Não se pode admitir a ressureição da carne".*
>
> *4) Sendo a vida presente apenas uma das nossas muitas encarnações, ela evidentemente deixa de ser decisiva: a hora da morte é sòmente o têrmo final desta uma encarnação e não é verdade, dizem êles, que logo depois da morte deveremos comparecer perante o tribunal de Deus para prestarmos conta da vida passada e sermos então, ou premiados com o céu ou castigados com o inferno.*
>
> *Aliás, o inferno, no sentido de castigo eterno, é incompatível com a idéia da reencarnação e do progresso contínuo.*
>
> *Todos os homens, mais dia menos dia, hão de alcançar, inevitàvelmente, a perfeição final; e êste lento mas contínuo progresso da alma é fruto do seu próprio trabalho e esfôrço: No fundo, cada homem é o seu próprio salvador e redentor, pois a salvação não se obtém por graça nem pelo sangue derramado por Jesus ,mas é o resultado do esfôrço individual que cada um emprega".*

A argumentação do dignissimo frade ,em oposição à teoria tão bem exposta, gira em tôrno de textos bíblicos.

Não é nossa intenção refutá-los. A clareza da doutrina reencarnacionista basta por uma demonstração. Além disso, entrar numa controvérsia tomando por base as Escrituras, o mesmo seria que discutir sem base nenhuma, porque falta aos textos o seu necessário calor probante. Muito respeito, e só. Não podemos, entretanto, deixar de apresentar alguns dos textos invocados, quando mais não seja, a título de curiosidade:

> *"A cada um, no dia de sua morte o Senhor retribuirá conforme suas obras." Ecl. 11,28.*

Isto em nada contraditaria a doutrina, pois se sabe que os Espíritos, no Espaço, desde logo começam a sentir as conseqüências do seu procedimento em vida, o que não impede que voltem à Terra para repará-las. Como isto se ajeitará com o Juízo

> *"A cada um, no dia de sua morte o Senhor retribuirá conforme suas obras." Ecl. 11,28.*

Isto em nada contraditaria a doutrina, pois se sabe que os Espíritos, no Espaço, desde logo começam a sentir as conseqüências do seu procedimento em vida, o que não impede que voltem à Terra para repará-las. Como isto se ajeitará com o Juízo

Final é que não sei.

Ao ladrão arrependido prometeu Cristo:

> *"Hoje estarás comigo no Paraíso." Lc. 23,43.*

Mas. dias depois, Êle dizia: — "Não me toques, que ainda não fui ao Pai". Logo, há aí qualquer coisa que precisa de explicação.

E mais êste:

> *"Virá a hora em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus e ressurgirão para a vida os que praticarem o bem e para a condenação os que praticarem o mal." Jo. 5,20-29.*

Mas há quem possa jazer nos sepulcros? Nem a Igreja ensina isto.

Um texto interessante:

> *"Quem se irar contra seu irmão será réu do fogo do inferno". Mt. 5,22.*

Mas ao que parece, nem os mais extrênuos defensores da tese, acreditam nela, porque vivem constantemente irados contra os que não lhes perfilham as idéias, haja vista os contínuos anátemas, as excomunhões, os sermões virulentos e os artigos que enxameiam as páginas dos jornais, artigos que não só profligam a heresia, senão que atacam os herejes com os têrmos mais azedos.

Há a passagem de Lázaro: "Êste vai para o Céu e o rico gozador para o inferno. Lá, o infeliz pede a Abraão que tenha dêle piedade e mande Lázaro molhar na agua a ponta do dedo e refrescar-lhe a língua abrasada." (Lucas: 16-19).

Abraaão não pode aceder, está claro, e o desgraçado ficou *"atormentado naquela chama"*, por tôda a eternidade. O crime dêle, segundo o texto, era ser rico e gozador. O Evangelho não lhe imputa outras faltas. De maneira que, porque teve dinheiro e dava banquetes. foi para o Inferno, isto é, para as mais terríveis dores, sem qualquer esperança ou remissão. Cremos que não poderá haver cenário mais edificante para alimentar a fé, corroborar a crença na justiça divina e fortalecer-nos na idéia de que é infinita a bondade do Criador...

Não pode também o honrado frade admitir a reencarnação, porque foi Cristo quem o remiu:

> *"Por isso, diz claramente a Escritura que Cristo quis imolar-se na cruz como propiciação pelos nossos pecados e não sòmente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo. (I Jo. 2,2). Jesus mesmo declarou ter vindo para dar a sua vida como preço de resgate. E os apóstolos não se cansam de repetir que Cristo se entregou como resgate de todos; que é n'Êle que temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados devido à riqueza de sua graça, que em torrentes derramou sôbre nós."*

A palavra "resgate" poderia ser aplicada do mesmo passo aos que se sacrificaram por amor do progresso científico ou moral do gênero humano, sem que isto implique uma salvação mecânica da humanidade, ou tenha algo que ver contra a reencarnação.

Galileu arrastado ao tribunal eclesiástico, João Huss e Giordano Bruno condenados à fogueira, Copérnico e tantos outros perseguidos, podem ser incluidos entre os que se entregaram para resgaste de todos, por amor da Ciência.

O Cristo, pregando o amor entre as criaturas, dando o exemplo da humildade e do perdão, mostrou aos seus semelhantes o caminho que êles deviam seguir.

Mas que o Criador o enviasse à Terra para salvar-nos com o derramamento do seu sangue, como se o fato material de um sangue derramado pudesse lavar as nossas culpas, é o que a razão, os princípios de justiça e até a crença em Deus não poderão admitir.

Honestidade e Virtude

VINICIUS

Honestidade será virtude?

À primeira vista, os nossos benévolos leitores talvez estranhem a pergunta; porém, no decorrer destas linhas, é provável que a justifiquem plenamente.

Antes de responder à interrogação que nos serve de epígrafe vamos nos valer de dois exemplos tirados do Evangelho, os quais elucidam o caso satisfatòriamente. O Moço Rico que manteve certo diálogo com Jesus, de quem, depois, afastou-se pesaroso em vista do conselho recebido, era virtuosos?

O irmão do Filho Pródigo, poderá ser considerado virtuoso?

Em consciência não nos é dado responder afirmativamente, por isso que ambos revelaram-se sobremaneira egoístas; o primeiro, no que concerne ao apêgo que votava aos bens temporais; o segundo, no que respeita ao ciúme e à inveja, pretendendo monopolizar as graças e o aconchego do lar paterno.

Não obstante, tanto um — figura real, como outro, personagem parabólico — eram honestos, como se infere das suas declarações, que não foram contestadas. O Moço Rico afirma que sempre havia cumprido os mandamentos; o irmão do Pródigo alega e rememora que servira ao pai por muitos e longos anos sem jamais transgredir uma ordem sua.

E' de presumir também que fôsse honesto aquêle fariseu que assim orava no templo: Pai, graças te dou porque não sou como os outros homens; não sou ladrão como os publicanos ;pago o dízimo e jejuo regularmente.

Êsses indivíduos supracitados nos ensinam pràticamente, com sua conduta, que honestidade nãoé virtude, porquanto o homem pode ser honesto sem ser virtuoso. Virtude é o impulso natural e espontâneo para o bem e para o justo caracterizando excelência moral. Honestidade é obrigação, é dever. A pessoa pode ser honesta até por egoísmo, isto é, para fazer jus aos aplausos e louvores; para zelar pelo bom nome que goza. e ainda para ganhar o céu.

A virtude exclui os cálculos, êstes ou aquêles. A honestidade reflete-se sôbre o mesmo que a adopta, concedendo-lhe

pelo bom nome que goza. e ainda para ganhar o céu.

A virtude exclui os cálculos, êstes ou aquêles. A honestidade reflete-se sôbre o mesmo que a adopta, concedendo-lhe

vantagens e proventos. A virtude tem por objeto o bem alheio, acarretando, por vêzes, prejuízos ocasionais a quem a pratica. O homem honesto vê-se a si próprio. O homem virtuoso vê o seu próximo. O gesto do primeiro atende aos reclamos personalistas, enquanto que o segundo volta-se para outrem. Um, quer o seu bem, e, pelo seu bem calculadamente porfia e luta; outro, move-se espontâneamente, sem pensamentos preconcebidos, a prol dos seus semelhantes. O homem honesto faz questão de guardar-se isento das críticas do mundo. O homem virtuoso arrisca sua reputação sem disso aperceber-se, em favor de uma causa justa, ou na defesa de um inocente perseguido. No homem honesto predomina a razão, no homem virtuoso age sempre o coração.

Existem pessoas honestas sem virtude, e outras cuja honestidade pode ser discutível, porém cujas virtudes são inequívocas. Indubitàvelmente são mais dignos de nossa simpatia aquêles que, ao lado de certos senões, possuem virtudes, do que os Catões de ilibada honestidade e corações áridos, pretendendo açambarcar o céu, conformados com a condenação inapelável dos pródigos e desassisados.

Na honestidade cabe a possibilidade da ventura pessoal em face da desdita alheia. Na virtude só há lugar para a felicidade própria, com a certeza da felicidade coletiva.

Virtude sem honestidade é incompleta, contudo, é sempre virtude. Por isso preferimos ao fariseu, o publicano que orava dizendo: Pai, tem piedade de mim, miserável pecador.

Preferimos também ao Moço Rico e ao Filho Egoísta, o Filho Pródigo confessando assim os seus desatinos: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou mais digno de ser chamado teu filho. Recebe-me, apenas, como um dos teus jornadeiros.

Ser honesto, repetimos, é obrigação. E, neste particular ensina o Mestre Excelso: Quando tiverdes cumprido todos os vossos deveres, dizei em seguida: Somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer.

Quarto Congresso Espírita Estadual

Sua finalidade e seu êxito

DIA 9

INSTALAÇÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL

Sob os auspícios da UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (USE), realizou-se nesta Capital, de 9 a 11 do corrente, o QUARTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL, para, de acôrdo com disposições estatutárias, se tratar de assuntos relativos a interêsses da USE e naturalmente da Doutrina Espírita.

A USE, mais uma vez, viu coroados de inteiro êxito os seus esforços, nunca medidos nem tampouco desmentidos, de congraçar os Confrades dos mais distantes rincões do Estado através das sociedades constituídas a que pertencem e, congraçando-os, pôr à mostra a robusteza dos seus princípios de unificação, solidarização e esclarecimento.

Evidenciou o Congresso, sobretudo, a madureza dos Espíritas bandeirantes no alto plano da unificação organizada e funcional. Com ampla liberdade os congressistas pugnaram, sem fantasias, pela real consolidação da USE, nos moldes de sua reforma promovida pelo III.º Congresso Espírita Estadual.

Às 10,15 horas, na sede da Federação Espírita do E. de S. Paulo, instalou-se, de conformidade com a convocação feita no "Diário Oficial" do Estado e de um órgão de publicidade da Capital, a Assembléia Geral, presidida pelo Dr. Luís Monteiro de Barros e secretariada pelo Sr. Carlos Jordão da Silva, com o concurso do Primeiro e do Segundo Tesoureiros.

Após a prece inicial proferida pelo Presidente, o Secretário-Geral procedeu à leitura do Relatório Geral da Diretoria Executiva e à competente prestação de contas, que foram aprovadas e da qual se discutiram pormenores, ficando consignado em ata, por proposta de um Congressista, um voto de louvor à Diretoria Executiva atual pelo completo desempenho de sua missão.

Fêz-se a apresentação dos Delegados presentes e deu-se posse aos novos componentes do Conselho Deliberativo, tendo-se antes processado a eleição da mesa diretora da Assembléia, que ficou constituída dos Srs. Jaime Monteiro de Barros, Presidente; Roberto Previdello, Lázaro Ehmke e Alcides Hortêncio, Vice-Presidentes; Sálvio Costa, Paulo Toledo Machado e Sebastião Costa, Secretários.

PRIMEIRA REUNIÃO PLENÁRIA

Às 11,55 horas realizou-se a primeira reunião plenária, quando se empossou o Conselho Deliberativo Estadual da USE, assim composto:

C.R.E. da 1.ª Região — Antônio Alonso Delgado
C.R.E. da 2.ª Região — Antenor Frederico Mayer
C.R.E. da 3.ª Região — Dr. Walter Acorsi
C.R.E. da 4.ª Região — Capitão Arnaldo Régis
C.R.E. da 5.ª Região — Ângelo Pio da Silva
C.R.E. da 6.ª Região — Anda não foi indicado
C.R.E. da 7.ª Região — Dr. Flávio Pinheiro
C.R.E. da 8.ª Região — José Giovanini
C.R.E. da 9.ª Região — Jaime Monteiro de Barros
C.R.E. da 10.ª Região — José Januário da Silva
C.R.E. da 11.ª Região — José Di Jácomo
C.R.E. da 12.ª Região — Sálvio Costa
C.R.E. da 13.ª Região — Ainda não foi indicado
C.R.E. da 14.ª Região — Benedito Oliveira Camargo

CONSELHO METROPOLITANO ESPÍRITA

1 — UDE "João Huss"
José Augusto Gregório
2 — UDE "Cairbar Schutel"
Paulo Toledo Machado
3 — UDE "André Luís"
Gabriel Ruiz
4 — UDE "Allan Kardec"
Sebastião Andrade
5 — UDE "Emanuel"
Cícero Pimentel
6 — UDE "Léon Denis"
Francisco de Arruda Souza
7 — UDE "Batuíra"
Luíza Pessanha Camargo Branco
8 — UDE "Lameira de Andrade"
Sebastião Costa (substituído)
9 — UDE "Anália Franco"
Munis Stephan
10 — UDE "Eurípedes Barsanulfo"
Abraão Sarraf
11 — UDE "Bezerra de Menezes"
Miguel Ávila Moreno
12 — UDE "Pedro deAlcântara"
Paulo Rezende

ENTIDADES INICIALMENTE PATROCINADORAS

Federação Espírita do E. de São Paulo:
Efetivos: Dr. Luís Monteiro de Barros
Carlos Jordão da Silva
Suplentes: José Herculano Pires
Emílio Manso Vieira
Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém":
Efetivos: José Paneta
Pietro Salvino Passarola
Suplentes: Professor Anselmo Gomes
Waldomiro da Silva Santos
Liga Espírita do E. de São Paulo:
Efetivos: Dr. Eurípedes de Castro
Artur de Sousa Reis
Suplentes: Ainda não foram indicados
União Federativa Espírita Paulista:
Efetivos: Ainda não foram indicados
Suplentes: Ainda não foram indicados

SEGUNDA REUNIÃO PLENÁRIA

Às 14,15 horas efetuou-se a segunda reunião plenária, debatendo-se, ardorosa e fraternalmente, os temas da pauta e que foram os seguintes:

1 — Eleição e posse da Diretoria Executiva
2 — Instalação do Congresso
3 — Discussão e aprovação do Projeto de Regimento Interno do Congresso
4 — Eleição das Comissões e Trabalhos das Comissões

Por proposta de um Confrade, aprovada unânimemente, foi reeleita, com ligeira alteração de cargos, por motivos supervenientes e devidamente justificados, a antiga Diretoria Executiva:

Presidente: Dr. Luís Monteiro de Barros
Vice-Presidente: José Herculano Pires
Secretário-Geral: Carlos Jordão da Silva
Primeira Secretária: Professôra Luísa Pessanha Camargo Branco
Segundo Secretário: Paulo Toledo Machado
Primeiro Tesoureiro: Waldomiro da Silva Santos
Segundo Tesoureiro: Abraão Sarraf
Procurador: Dr. Francisco Carlos de Castro Neves

Criaram-se Comissões para tratar dos assuntos atinentes ao Congresso, compostas dos seguintes Congressistas:

Organização e Consolidação:
Lázaro Ehmke
Abraão Sarraf
Sebastião Costa
Estatutos:
Dr. Luís Monteiro de Barros
Antônio Alonso Delgado
Paulo Toledo Machado
Assuntos Gerais e Ensino Espírita:
Dr. Tomás Novelino
Prof. Emílio Manso Vieira
Neli de Barros
Redação final:
José Herculano Pires
Dr. Flávio Pinheiro
Dr. Wilson Ferreira de Melo

Às 20,30 horas o Dr. Tomás Novelino ocupou a tribuna da Federação Espírita, dissertando proficuamente, com inteiro agrado, sôbre curas psíquicas.

Abrilhantou a reunião doutrinária o coral da Escola de Aprendizes do Evangelho, da Federação, sob a competente direção da Professôra Henriqueta Moreira, o qual causou ótima impressão na numerosa assistência.

DIA 10

TERCEIRA REUNIÃO PLENÁRIA

Às 10 horas, na Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém", sob a presidência do Sr. Roberto Previdello, de Bauru, teve início a TERCEIRA REUNIÃO PLENÁRIA, aberta com uma prece proferida pelo Sr. A. J. Trindade.

Depois de lidas, discutidas e aprovadas as atas da primeira e da segunda reuniões plenárias, passou-se à discussão do item III do tema relativo à "Ampliação dos Quadros das UMES e UDES.

Tomaram-se várias medidas acauteladoras dos interêsses da Doutrina junto às UNIÕES MUNICIPAIS ESPÍRITAS e UNIÕES DISTRITAIS ESPÍRITAS.

QUARTA REUNIÃO PLENÁRIA

Às 14,35 horas, ainda com a mesma presidência, iniciaram-se os trabalhos e leu-se a ata anterior, que foi aprovada com várias restrições.

Pôs-se em discussão o item II do temário, relativo a CONSOLIDAÇÃO: valor, substituição ou manutenção de têrmos como *Centro* e *Sociedade*, composição de Conselhos Deliberativos, alterações a serem introduzidas nos Conselhos Regionais, tendo em vista o seu fortalecimento.

Às 19,30 horas terminaram-se os debates, tendo o Confrade Herculano Pires proferido a prece de encerramento.

Às 20,30 horas, sob a presidência do Sr. Alcides Hortêncio, realizou-se a palestra do Sr. José Papa, o qual versou com muito entusiasmo, um tema doutrinário. Muito concorreu para o brilhantismo da noitada o coral da Sinagoga, que, sob a batuta do Professor Romulo Samussi deixou indelével lembrança em todos os corações.

Antes o Sr. A. J. Trindade, que já tem quase meio século de Espiritismo no Brasil, fizera um proveitoso histórico da Doutrina em São Paulo, relatando as dificuldades encontradas para a criação e manutenção das obras assistenciais que dirige.

DIA 11

QUINTA REUNIÃO PLENÁRIA

Às 8,40 horas, novamente na sede da Federação Espírita, tiveram comêço os trabalhos concernentes à QUINTA REUNIÃO PLENÁRIA. Foi presidida pelo Sr. Jaime Monteiro de Barros, que determinou a leitura da ata anterior, que, posta em discussão, sofreu ligeiras retificações e foi depois aprovada.

Em seguida debateu-se a atualização dos Estatutos. Houve discussão generalizada em tôrno do prazo dos mandatos dos órgãos da USE, alteraram-se artigos e incisos, cogitou-se da conveniência da formação dos Conselhos Regionais por 2 ou 3 UMES e destas por 2 ou 3 Centros, excluíram-se parágrafos, fizeram-se várias substituições e exclusões, aprovaram-se novas redações de artigos, eliminaram-se, mantiveram-se e acrescentaram-se artigos.

A conceituação do têrmo ESPÍRITA foi longamente apreciada e aprovou-se a idéia da DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS, ficando constituída uma Comissão Diretora, composta dos Srs. Dr. Luís Monteiro de Barros, José Herculano Pires e Abraão Sarraf, para esquematizar a elaboração da DECLARAÇÃO em aprêço.

Tomou-se conhecimento da proposição da Instituição Assistencial "Nosso Lar", de Santo André, sôbre a necessidade de realização de um Congresso das Instituições de Assistência Social em nosso Estado. Leram-se as resoluções do SEGUNDO CONGRESSO ESTADUAL DA MOCIDADE ESPÍRITA, as quais foram encaminhadas ao Conselho Deliberativo Estadual da USE, para efeito de estudo.

A elaboração da DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS ficou a cargo de uma Comissão que será oportunamente designada pela Diretoria Executiva.

Leram-se telegramas e cartas de Centros e Federações, que hipotecaram a sua solidariedade. Discutiu-se a necessidade da manutenção e maior divulgação do nosso jornal UNIFICAÇÃO. Ficou esclarecida a questão relativa à realização do SEGUNDO CONGRESSO ESPÍRITA BRASILEIRO.

O Sr. Alcides Sarmento falou acêrca da VIII CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO E BRASIL CENTRAL, que se realizará em Jundiaí e para a qual pediu enviassem os interessados sugestões.

À noite, às 20,30 horas, teve início a sessão lítero-musical, fazendo uso da palavra o Sr. Agnelo Morato, de Franca, que teceu considerações a propósito da necessidade de um congraçamento cada vez maior dos Espíritas, José Simões Matos, Vice-Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, e João Guignoni, Presidente da Federação Espírita do Estado do Paraná, os quais, em palavras admirativas e veementes, ressaltaram o valor do movimento de unificação da família espírita.

Por fim ouviu-se o Dr. Luís Monteiro de Barros, orador oficial da noite, que, em nome da UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO E. DE S. PAULO, evidenciou, em expressões cheias de fé e juvenilidade cristã, o grande proveito que se pode tirar de qualquer comunhão espírita, desde que a ela presidam o desinterêsse, a humildade e o amor do próximo. Pôs em foco a indiscutível repercussão dessas assembléias de corações, que por devotamento à Doutrina, amor a Jesus e adoração ao PAI, que tudo vê, tudo prevê e tudo provê, não medem esforços para, vindos ou não de longínquos rincões, trazer a sua pedrinha para a construção doTEMPLO ESPÍRITA, na expressão de Allan Kardec, TEMPLO êsse que um dia acolherá a humanidade inteira na sua marcha ascensional para os páramos luminosos do ESPÍRITO.

Em resumo, foram as seguintes as resoluções tomadas pelo QUARTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL:

I — Instalação do Conselho Deliberativo Estadual da USE, que elegeu a Diretoria Executiva já conhecida para o novo biênio.

II — Aprovação das contas da Diretoria Executiva anterior e do Relatório das suas atividades.

III — Recomendação às UMES e UDES para prosseguirem no trabalho de arregimentação, com os cuidados que caracterizaram até o momento a sua atividade, organizando listas das Sociedades existentes na área de sua jurisdição, com a indicação das que ainda não pertencem à USE, com o fim de conseguir as suas adesões.

IV — Realização de ampla campanha de esclarecimento, em todo o Estado, devidamente planejada, sôbre a organização da USE, suas finalidades e funcionamento, com a participação das Entidades Patrocinadoras.

V — Consolidação dos Conselhos Regionais através de modificações estatutárias, inclusive a que determina a criação de corpo de assessores para integrar a Comissão Executiva de cada CRE.

VI — Recomendação à Diretoria Executiva para constituir uma comissão permanente incumbida de elaborar projeto de um método de ensino da Doutrina Espírita para a criança.

VII — Constituição de Comissão para o trabalho preliminar de elaborar um roteiro da DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS, que será posteriormente redigida por outra Comissão mais ampla, oportunamente nomeada pela Diretoria Executiva.

VIII — Encaminhamento à Diretoria Executiva de proposta da Instituição de Assistência "Nosso Lar", de Santo André, no sentido da convocação de um Congresso das Instituições de Assistência do Estado.

IX — Recomendação à Federação Espírita Brasileira a respeito da conveniência da representação do Brasil junto ao Congresso Espírita Internacional, a realizar-se êste ano em Amsterdam.

X — Atualização dos Estatutos Sociais da USE, após o debate das várias propostas encaminhadas pelos seus órgãos constitutivos e Sociedades representadas.

Secção da Criança

LUIZA PESSANHA CAMARGO BRANCO

Domingo, as crianças que iam chegando à casa de Márcia, viram parados defronte ao portão, três automóveis.

— Ah! de certo não vamos poder ir ver a sala para o teatrinho...

— Ora! e por que? perguntaram algumas crianças que já estavam imaginando como seria o teatrinho que o Papai de Márcia prometera levá-las para ver.

— Por que? pois vocês não vêm êsses três carros parados aí, esperando? De certo a família de Márcia vai passear,, aproveitar o domingo e nós ficamos sem ir ver o teatrinho.

— Pode ser que os carros sejam para nós irmos...

— Ah! pode bem ser, disse Pedrinho, um menino que ainda não conhecia bem as outras crianças mas que estava também muito entusiasmado pelas representações, pois êle sabia muitas cantigas e versinhos.

— Sabe o que é melhor, perguntou Laurinda, o melhor é entrarmos e já ficamos sabendo se vamos hoje, se vamos a pé, se vamos de carro.

— Muito bem, isso mesmo. Vamos entrar.

As crianças tocaram a campainha e só pelo jeito com que Marcinha veio atendê-las já todos perceberam que as novidades eram boas.

— Entrem, entrem logo, disse a menina. Vamos esperar um pouquinho mais, porque Papai foi ao Centro avisar que vai acompanhar-nos ao salão do teatrinho e já volta. Enquanto isso vão chegando os outros que gostam mais de teatro do que de adivinhações.

— Isso não, disse Marcos, eu gosto de adivinhações mas, também, gosto muito de teatrinho.

— Eu também, eu também...

E todos queriam provar que estavam de acôrdo com o Marcos.

— Pois eu, não, disse Márcia. Ou a gente gosta de teatro e é só teatro, ou se dedica só a charadas e vai decifrando quantas apareçam na sua frente. Enquanto a gente decora os papéis, os versos e as cantigas os outros que quebrem a cabeça nas palavras cruzadas. Eu não, que não gosto de palavras cruzadas...

— Então não gosta de nós, disse, caçoando o Marcos. Você não se lembra que o seu pai, o senhor José disse que todos nós somos palavras cruzadas que devemos ajudar-nos como as palavras se auxiliam?

— É... mas, podemos auxiliar-nos no teatrinho.

— Aí vem o Papai da Márcia, anunciou alegremente o Pedrinho.

E era verdade: o sr. José já vinha acompanhado de um moço e uma moça, o Edênio e a Alcira. Êle disse:

— Vamos, vamos, criançada. Vão subindo para os automóveis. Edênio e Alcira também querem ver o salão do teatrinho para depois nos ajudarem. É preciso ter alguém que ensine a cantar e que toque piano.

— La, no teatrinho, está um piano, Então vou tocar o — Vem cá, Bitu!

— O Centro tem um bonito piano mas, não é para tocar o Vem cá, Bitu!, se formos misturar brincadeira com os ensaios, nunca as representações ficarão bem feitas...

— E haverá cada "fiasco"...

— Quem fizer um "fiasco" que seja perde a vez de representar.

— Isso mesmo. Não queremos que o público possa caçoar do nosso teatrinho.

— Vamos subindo e tomando lugar, disse o Papai. Vocês nem viram ainda o salão; nem sabem se já desta vez encontramos o que precisamos; não escolheram ainda o que representar e já estão falando em "fiasco". Nunca devemos falar nem pensar em "fiascos". Vamos fazer tudo na certeza de que tudo vai sair muito bem e muito bonito.

— Bravos, meu paizinho formidável, bravos, disse a Márcia.

— Bravos, bravos, repetiram as crianças.

Já nesse tempo os automóveis estavam cheios e meninos e meninas ficaram todos muito quietos olhando as pessoas, as casas, as árvores que pareciam ir correndo em sentido contrário.

— Isso é que se chama bom comportamento, disse o Papai. Já estou vendo que vamos aproveitar bem o domingo.

Quando os carros pararam defronte de uma casa pequena mas, muito bonita, Papai disse para descerem e foram entrando no jardim. Aí já estavam outras crianças e algumas pessoas grandes. Houve cumprimentos e o Papai, dirigindo-se a um sendor já idoso, disse:

— Eis aqui, senhor Lucas, os futuros artistas do teatrinho. Vieram para conhecê-lo e ver o salão e o palco para representarem suas comédias.

— Sejam bem-vindas, crianças. A casa é de vocês e estamos muito satisfeitos com a visita. Entrem.

As crianças entraram e pararam na porta. Que beleza!!! Uma sala tão clara e tão alegre, cheia de tinas com palmeiras; uma grande mesa com vasos cheios de flôres e, mais do que flôres, cheia de d oces e salgadinhos e refrescos.

— Meu Deus, disse Márcia juntando as mãos; e todos fizeram a mesma coisa. O Papai esperou um pouco mas, ninguém disse nada a respeito do gostoso lanche que ali estava. Papai sorriu e disse:

— Que me dizem do palco? Ali está êle, esperando por vocês, com o piano ao lado.

Então as meninas correram para lá e os meninos rodearam o palco e já um se pôs ao meio e disse:

— Vou cantar uma cantiga muito bonita que eu sei.

Cantou. Todos gostaram muito, mas gostaram mais ainda dos bolos e balas e salgadinhos e refrescos que tomaram.

— Agora, disse o Papai, uma adivinhação: Qual é o nome do teatrinho? Vamos ver quem acerta em dizer um nome que seja bem certo e bem bonito.

Escrevam para a Caixa Postal 3.946, mandando dizer qual é o nome que vocês imaginam para pôr no nosso teatro.

Dois Minutos com Pietro Ubaldi

Êste é o século da destruição! — O famoso autor de A GRANDE SÍNTESE fala sôbre a arte moderna — Salvar-se-á a arte da onda destrutiva que a envolve?

Jorge Rizzini

Sentado em uma poltrona, em seu pequenino apartamento, o Prof. Pietro Ubaldi está diante de mim: as pernas cruzadas, as mãos longas e finas nos joelhos, um tímido sorriso a iluminar-lhe o rosto bastante expressivo e já um tanto cansado.

Seu apartamento, em São Vicente, fica no último andar de um prédio velho e feio, de cuja frente, em compensação, se descortina o cerúleo mar... o horizonte longínquo, marchetado de clarões divinos...

Lá fora, nesta manhã de julho, o céu formado de nuvens negras ameaça uma tempestade.

Da cadeira onde me encontro, posso ver através da vidraça as ondas agitadas castigando a praia e ouvir o canto do vento sacudindo as árvores. Lá fora há vento e frio, inquietude e espanto... Mas neste pequenino apartamento há calor e paz espiritual, vibrações de amor em Cristo nem sequer suspeitadas pelos pobres homens, os quais, lá fora, procuram, correndo, escapará forte chuva que começa a cair...

O Prof. Pietro Ubaldi olha-me e sorri... Teria êle penetrado em meu pensamento?...

A ENTREVISTA

Enquanto o Céu chora sôbre a Terra, tentando despertá-la da estagnação materialista, minha conversa com o Prof. Pietro Ubaldi acaba por girar acêrca dos pròblemas da arte em geral, tema aliás da entrevista que me propus fazer para os leitores de UNIFICAÇÃO.

— Acha o Prof. Ubaldi que a arte dos nossos dias tenha algum significado espiritual?, perguntamos-lhe de início.

— "Para se compreender a arte de hoje, necessita-se compreender o estado espiritual do mundo de hoje, do qual aquela arte é expressão. Cada século tem a sua nota característica. Na fronte de tôdas as manifestações da arte está inscrita a palavra: DESTRUIÇÃO, responde-nos o Prof. Ubaldi, categòricamente. Cada século assume a tarefa de uma criação particular. A do presente é sòmente a do progresso científico. Esta é a hora dos grandes cientistas e matemáticos, não a dos grandes artistas. Poesia, música, arte, não podem hoje, portanto, desenvolver-se a não ser de maneira negativa, no sentido da descida, ou seja, da destruição".

— Quer dizer que...

— "O conceito dominante que está inscrito na face da história e no espírito do mundo de hoje é: destruição. Hoje, de fato, não temos verdadeiros artistas em nenhum terreno. A poesia é um vão cerebralismo abstruso, o romance é de um realismo cru, patológico, preferindo exaltar o crime, escultura e pintura servem para esconder, sob a pretensão de genialidade incompreendida, o vazio absoluto e a incapacidade técnica dos artistas. A música se perde numa inútil, artificiosa complicação técnica. Nela a destruição se dirige contra a sua principal e melhor qualidade, que é a harmonia. E ela se torna, assim, sobretudo irritante, feita de dissonâncias. Não é uma tranqüilização da alma, mas um tormento, expressão da agitação dos tempos".

— Saberão os homens, Prof. Ubaldi, salvar a arte da onda destruidora que a envolve? Ou a arte sucumbirá em nosso plano?

— Êste estilo de arte só pode ser tolerado como fase de transição. As revoluções, em todos os terrenos, devem saber resolver-se em nova ordem, mais elevada, e só isso as justifica. Tudo o que hoje acontece, portanto, é sob a condição de que se readquira o domínio da ordem sôbre a desordem".

E o Prof. Ubaldi, depois de quedar o olhar por alguns instantes, prossegue com sua voz calma e ritmada:

— Chegaremos à realização, sim. Quem compreende a hora atual e o funcionamento das fôrças históricas, sabe que, com o novo milênio, êste estado de transição deverá acabar. Uma espiritualidade nova animará a poesia, a literatura, a pintura, a escultura, a música. Um misticismo esclarecido, controlado racionalmente, demonstrado cientificamente, senhor do imponderável e consciente das suas leis, criará novas formas de vida, de pensamento e de arte. Quando chegar a hora, a vida produzirá os seus homens, em todos os terrenos, de acôrdo com as necessidades da evolução do mundo. E também a literatura e a arte, ao lado de tôdas as outras manifestações do espírito, poderão sair dos baixos níveis em que se encontram, rumo aos mais elevados planos de vida que, no futuro, esperam a humanidade".

A voz de Pietro Ubaldi silenciou. Estávamos satisfeitos com as respostas. Os leitores de UNIFICAÇÃO também o ficariam, por certo. E me despedi do Professor.

Já um sol ardente afugentara as nuvens negras: a chuva, a inquietude e o frio e o vento haviam desaparececido... O sol dominava a Terra. Dir-se-ía que a aurora do terceiro milênio havia despontado...

As Árvores do Futuro

Educar é amar, dar, impulsionar e semear.

Para bem educar, é necessário, antes de tudo, coração e sensibilidade.

Sem amor e sem carinho, sem firmeza e sem exemplo, ninguém poderá educar verdadeiramente.

Para encarar com verdade o alto e belo sacerdócio do ensino, é preciso afastar o egoísmo, a vaidade, a injustiça e o comodismo.

Ensinar é ter a suprema alegria de dar conhecimentos, bases, é conseguir permanecer, pela vida afora, no coração e na mente daqueles que encaminhamos e iluminamos. Quem ensina tem a graça sublime de criar e de alimentar chamas de sabedoria e de beleza. Para bem ensinar, é necessário muito sacrificar e muito amar.

As almas infantis guardam uma especial ternura para aquêles que as sabem dirigir com bondade, que despertam com suavidade a sensibilidade tão vibrante e tão pura das suas reações, e que participam e comungam dos seus ideais e das suas alegrias.

Para ensinar as crianças, é preciso tornar-se um pouco criança também, pois, só dessa maneira, conseguiremos penetrar nesse mundo maravilhoso e encantado da mentalidade infantil.

Para educar a infância, é necessário firmeza sem aspereza, justiça sem rudeza, carinho sem fraqueza e, principalmente, um amor infinitamente grande e sublime por êsses pequeninos corações, que apenas exigem compreensão e carinho!

Quem educa com verdade e com amor está implantando pequeninos arbustos, que serão as árvores fortes e belas do futuro e que, no mundo de amanhã, serão o consôlo refrescante e amigo dos caminhantes que vierem então cansados e sedentos, e ali encontrarão a sombra e o apoio para encarar, corajosamente, o forte sol do porvir!

(a) **Maria Jussara**

Da Comissão de Relações Públicas
da Organização Educacional Espírita
Rua Acre 47 — 9.º — Rio

PELO MUNDO

A L E M A N H A

O FENÔMENO DE TRANSPORTE

O Sr. Max Kohleisen, nosso estimável colaborador, traduziu da *Zeitschrift für metapsychische Forschung* (Revista para Pesquisas Metapsíquicas) editada em Berlim pelo Prof. Dr. Christoph Schröder, e nos enviou, um interessante artigo do General Dr. Josef Peter sôbre o *fenômeno de transporte*, que publicamos abaixo com os nossos agradecimentos:

— "O incansável e talentoso defensor da hipótese espírita, Senhor Professor Ernesto Bozzano, enfrenta, em "Luce e Ombra" (1930/31), os positivistas materialistas, que atribuem o fenômeno dos "Transportes" (Apport) só e exclusivamente ao subconsciente do médium.

Inicialmente, aponta Bozzano êsses fenômenos, os quais, por si sós, não podem servir de prova da existência e da sobrevivência do espírito humano, pois a hipótese espírita não necessita dos "Apports" para poder ser provada. Podem, quando muito, servir de prova indireta. Essas possibilidades, que se acham em estado latente no subconsciente, revelam fôrças maravilhosas que, durante a existência terrena, não desenvolvem papel importante, mas surgem antes ou depois da crise chamada "morte". Bozzano sempre frisou que o Animismo representa uma testemunha de prova para o Espiritismo. Se não existissem os fenômenos anímicos, faltaria base ao Espiritismo científico.

Desafia o sábio italiano os positivistas que, por via da lógica, não serão capazes de atribuir as referidas manifestações ao subconsciente, sem entrar constantemente em contradições. Atribuindo-as ao subconsciente, os negativistas materialistas CONFESSAM, tàcitamente, a existência de alguma coisa impalpável, o *subconsciente humano*, que possui capacidade e possibilidades supranormais, livres das algemas do espaço e do tempo! Sòmente os espiritas, disse Bozzano, se enquadram na corrente da lógica ao atribuírem uma parte dos fenômenos da Metapsíquica às fôrças do subconsciente. Jamais conseguirão os positivistas materialistas libertar-se do emaranhado destas questões, insolúveis para êles, e isto equivaleria a dizer que nenhum outro caminho salvador restaria aos negadores da continuidade da vida do Espírito, a não ser o de recorrer à recusa ferrenha e cega, de não aceitar ou admitir a existência de uma causa supranormal.

Depois destas constatações, o articulista, General Josef Peter, chama a atenção para o ponto que é o de supor — baseado numa análise comparada dos fatos — que uma parte dos fenômenos dos "Apports" têm sua origem num feito deliberativo da personalidade subconsciente do médium. Isto não deve causar admiração, se partirmos do ponto, segundo o qual, se o espírito humano sobrevive à morte do corpo somático, o homem também é um Espírito, temporàriamente encarnado.

Se as possibilidades do Espírito humano se mantêm em estado latente durante a vida material e pouco se revelam, como já foi apontado linhas acima, — conclui-se, lògicamente, que aquelas possibilidades, uma vez libertadas pela morte do corpo material, se desdobram, governadas pela fôrça de vontade do Espírito então desencarnado, e representam uma fonte de energia e fôrças. Daí, devemos concluir que, se muitos "apports" têm, em parte, sua origem no subconsciente, outros muitos mais há, que são de origem ou natureza puramente espírita. A questão, como estaria se processando o fenômeno "apport", não é tão simples. A solução explicativa não repousa em palavras-chaves dogmáticas pró ou contra a interpretação espírita, mas sim, na análise minuciosa de um caso após outro.

— Bozzano apresenta ,aqui, um exemplo muito instrutivo, escolhido da sua vastíssima coleção: numa sessão, manifestou-se o espírito de um turco. Quando lhe foi solicitado trazer como "apport" objetos da sua terra, cai, pouco depois, no soalho, uma moeda turca. Levando em consideração, disse o General Peter, que nenhum dos presentes conhecia a língua turca, forçoso é admitir que o fenômeno se produziu por um ser espiritual absolutamente estranho ao médium, devendo ser atribuído o "apport" de moeda turca àquele ser espiritual e não à personalidade subconsciente do médium.

Em seguida ,apresenta outro exemplo, não menos instrutivo. Êle demonstra a importância do quanto é necessário ponderar, antes de querer atribuir um "apport" à personalidade subconsciente do médium. Em uma sessão com Eusápia Paladino ,o seu guia espiritual tinha trazido como "apport" um grande pão, para, logo em seguida ,tornar a retirá-lo. Sendo solicitado a trazê-lo novamente, respondeu: "E' propriedade do padeiro da vizinhança; se desejardes reavê-lo, dai-me, então, 2 sóldis." Esta honestidade do guia deve ser enquadrada numa regra geral que tôdas as entidades costumam observar nos trabalhos com os fenômenos de "apport".

Os adversários da hipótese espírita — observa Bozzano —, sublinham a circunstância, no tocante aos fenômenos de "apport", de tratar-se sempre de objetos insignificantes e sem valor. Concluem êles, disso, que os fenômenos se produzem ùnicamente por um ato de vontade do subconsciente do médium. Dizem os adversários ser absurdo e inverossímil que um ser espiritual não seja capaz de poder presentear os encarnados com alguma coisa melhor, a não ser com uma pedra, uma flor, um pérola falsa, etc. Concordam as entidades espirituais no tocante ao sem-valor dos objetos trazidos e declaram que não lhes é permitido ROUBAR. Às vêzes, dizem, ser-lhes-ia fácil encontrar objetos de valor que não têm dono; entretanto, é-lhes interdito trazê-los, visto que não podem favorecer ou despertar uma vil ganância.

Prosseguindo na análise do fenômeno "apport", declara o General Josef Peter o seguinte: "No caso de se admitir ter o fenômeno "apport" a sua origem única e exclusivamente no animismo, em pouco tempo acumular-se-iam aos pés dos experimentadores verdadeiros montes de tesouros de propriedade alheia..., bastando, para isso, "apenas" o desejo de possuí-los...! Como, no entretanto, jamais se há de produzir semelhante "milagre", talvez intensamente desejado pelos médiuns e pelos experimentadores — de que forma se explicaria ,então, aquela severa observância da moralidade, mantida nos domínios do fenômeno do "apport", já que não querem ir além dos limites da hipótese anímica, à qual estão se agarrando com tanto denodo?"

Bozzano observa, mui acertadamente, ao encerrar o capítulo: "À medida que se penetra no assunto, ponderando e analisando as circunstâncias citadas linhas acima, tanto menos se compreende como é possível uma explicação SEM a hipótese espírita!"

Por sua vez, desafia o General J Peter os seus antagonistas nestes têrmos: "Convido os defensores da hipótese anímica, os que se aferram a ela tão exageradamente — que me apresentem um real esclarecimento, mas esclarecimento que se coadune, de fato, com a lógica e com a razão."

Ernesto Bozzano foi o maior estudioso dos fenômenos — se bem não fôsse o primeiro a tratar dêles —, que os franceses conhecem como *apport* (a que Cahagnet já fazia referência em 1847) e nós em língua portuguêsa conhecemos com os nomes genéricos e algo impróprios de *transporte ,trazimento* e *aporte* (êste último proposto pela revista *Metapsíquica*, publicada há alguns anos em São Paulo, embora não passe de um espanholismo, o que talvez aquela excelente Revista desconhecesse) quando os italianos costumam fazer diferença entre *apporto, asporto* e *trasporto*. Prometemos ao leitor mostrar-lhe, em qualquer próximo artigo, a diferença de nomenclatura. Por ora queremos relembrar-lhe apenas que Bozzano, afora ligeiras referências em trabalhos avulsos, estudou proficientemente o assunto nos seguintes livros:

Dei fenomeni di Apporto

Popoli primitivi e manifestazioni supernormali

Animismo o Spiritismo?

B R A S I L

São Paulo

QUARTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL

Chamamos a atenção dos interessados para a publicação, noutro local dêste número, dos resultados obtidos com a realização, nesta Capital, de 9 a 11 do corrente mês, do QUARTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL.

Nela poderão êles apreciar e saborear não só os frutos, mas também a maneira cordial e fraternal com que se realizou o Congresso, cujos resultados foram os mais aproveitáveis para a Doutrina e que terão certamente sua grande influência nos destinos do Espiritismo no Brasil.

AOS ÓRGÃOS DA USE E AOS CONFRADES EM GERAL

A D. E. da USE lembra aos dirigentes espíritas e aos responsáveis pelo Movimento de Unificação da família Espírita paulista que esta é uma hora de profunda ponderação sôbre a atitude condigna que o cidadão espírita deverá assumir.

Os recintos dedicados à prece, às sessões espirituais, ao convívio fraternal, não se alterem diante das fermentações políticas e sociais. Prossigam nos seus trabalhos sob as bênçãos de Jesus, distanciados das ambições desenfreadas do momento. Neutralizem os Centros Espíritas, os Grupos e as Instituições de qualquer influência, direta ou indireta, de propaganda eleitoral. Esta é uma hora de prova às nossas convicções doutrinárias e não devemos trair os verdadeiros objetivos da Doutrina, relegando-os a segundo plano, como se êles fossem meros pretextos para nos habilitarem ao salto na ocasião oportuna.

Como cidadão devemos comparecer às urnas e depositar o nosso voto honesto, consciente, livre; objetivando homens íntegros, de caráter ilibado, de passado recomendável e de presente respeitável. Se observarmos êsse alto critério, dignificaremos a família Espírita perante a sociedade.

A USE espera dos Espíritas paulistas um gesto dignificante nesta fase eleitoral para o bem do movimento de unificação que deverá manter-se em ambiente de sadia moral e de esclarecida serenidade.

A Diretoria Executiva

SERENIDADE

ALTIVO FERREIRA

"... *E sereis odiados de tôdas as gentes por causa do meu nome*". (Mat., 24, 9).

Para cada um chega o instante da definição, a hora solene em que é preciso afirmar a própria convicção, não deixando dúvidas quanto ao que pensa e sente no quadro das idéias e em face dos cristalinos princípios da Verdade.

Séculos de mentira e hipocrisia sucederam-se no panorama da história humana, durante os quais, espíritos ardilosos e pusilânimes vieram tecendo a trama da impostura, ou para perderem seus irmãos carecidos de luz, ou para se iludirem a si mesmos, incapazes de tomar posição definida no campo de lutas em que se forjam os caracteres e se burilam as faculdades espirituais.

Eis que, porém, nesta segunda metade do século XX, houve uma como que sincronização dos acontecimentos previstos nas profecias, e passamos a viver a fase cruciante, ao mesmo tempo que esperançosa, dos tempos chegados, em que as criaturas terão que se revelar tais quais são na realidade, para serem julgadas em consonância com seu grau evolutivo. E', portanto, a vez do nosso testemunho. Podemos ter sido mentirosos e contumazes no êrro, através de inúmeras existências terrenas, sem que sofrêssemos as conseqüências de nossa inferioridade. Podemos, inclusive, ter-nos iludido com as expressões religiosas que exornavam nosso espírito e, por amor de nossa crença, arrastado à execração pública os que não nos seguiam, continuando, assim mesmo, aparentemente imunes aos efeitos dêsse gesto anticristão. Mas agora, que se avizinha o expurgo dantesco, em que, segundo as palavras do Mestre, "estando dois no campo, será levado um e deixado o outro, estando duas moendo no moinho, será levada uma e deixada outra", não mais será permitida a falsa atitude dos mornos e indiferentes, que pretendem ficar alheios às convulsões do momento que passa. Quem fôr do Cristo, terá que sê-lo por atos e sentimentos, nunca por simples palavras. Quem, todavia, dêle não fôr, mesmo que por tal queira passar, há de se denunciar nos gestos e nas fraquezas, porque o testemunho exige grandeza de alma, serenidade diante das provas e pureza nas intenções. Como os cristãos do primeiro século, que afrontaram a ira pagã de coração fortalecido pela fé e olhos voltados para o Senhor, também agora os espíritos evangelizados terão de provar com estoicismo a fúria dos inimigos da luz, que se organizam para destroçar as fileiras dos servidores do bem.

No sermão profético de Jesus, há promessa de que, na hora da grande tribulação, o Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes. Já se iniciou êsse período, pois que temos visto como por tôda a face da Terra a palavra evangelizadora de espíritos evoluidos e dedicados à humanidade vem persistindo, através do veículo mediúnico, na preparação das consciências para o grande momento da seleção espiritual. Não são vozes isoladas, de algumas generosas entidades condoidas de nossas dores. Trata-se, ao contrário, de um movimento organizado, com planos traçados nas Esferas Siderais, que tem no Espiritismo o seu ponto de contacto com os habitantes do orbe terreno. Para isto, a Terceira Revelação é o Cristianismo redivivo, cujos princípios relembra e explica, graças às novas verdades que vieram enriquecer o patrimônio filosófico-religioso da humanidade, por intermédio da Codificação de Kardec.

Daí as perseguições que, pouco a pouco, se vão concertando contra o Espiritismo e seus adeptos. Procurando elucidar os indivíduos sôbre a realidade do espírito, dizendo-lhes das diferentes caminhadas que têm de encetar na rota da perfeição, mostrando-lhes o plano da evolução como uma trajetória de experiências em que a lei de causa e efeito reconduz o faltoso à expiação de seus desvios, o Espiritismo ilumina-lhes a consciência, guiando-os para a senda do bem. E' lógica a reação que provoca nos amigos das trevas êsse trabalho positivo de recuperação dos sêres que se achavam perdidos nas malhas do êrro e da ignorância. E, como a Doutrina não pode ser destruida, porque a Verdade é imperecível, os espíritas é que serão atingidos pela cólera dos seus oponentes, para que se cumpram as palavras do Mestre: "... E sereis odiados de tôdas as gentes por causa do meu nome".

Havemos, entretanto, que revidar com palavras descaridosas e gestos violentos as invectivas dêsses irmãos que se acham desorientados? Cabe-nos o direito de esbravejar contra a incompreensão que nos cerca e nos achincalha? Não, porque se assim fizéssemos estaríamos esquecendo a lição de Jesus, mandando que dêssemos a bater a face esquerda, quando nos esbofeteassem a direita. Sabemos, porque no-lo ensina o Espiritismo, que o mal é transitório e aquêles que o praticam, sob qualquer pretexto, são mais infelizes do que as suas vítimas. Se somos chamados ao testemunho, pelo ardor com que desejamos servir ao Senhor, antes de maldizer, bendigamos a êsses irmãos que se tornam instrumentos de nossa flagelação, e oremos a Deus, pedindo que derrame Sua luz e Sua misericórdia sôbre êles, para que se esclareçam e compreendam que a hora é de harmonia e união de tôdas as fôrças inspiradas no Evangelho, para que o materialismo sucumba aos revérberos da Verdade.

Sejamos serenos em nossas atitudes, que a serenidade é o galardão com que nos enquadraremos na promessa do Sermão da Montanha: bem-aventurados os mansos, porque êles herdarão a Terra.

ERNEST RENAN

Pensamentos e reflexões

João TEIXEIRA DE PAULA

III

Renan, como os leitores já tiveram oportunidade de observar, embora mui sucintamente, tinha, em grande escala, o sentimento do Justo, do Belo e do Divino. Assaltava-o de quando em quando a incompreensão das cousas de Deus; no entanto era, via de regra, espiritualista e crente naquilo que, nas suas crises filosófico-especulativas, com reflexos psíquicos, chegava a negar. Iremos agora apreciá-lo e estimá-lo mais e melhor através de pensamentos e reflexões seus, apanhados avulsamente aqui e ali na sua variada obra de polimata e postos em linguagem portuguêsa num esfôrço de compilação e tradução.

* * *

O país que desejar a liberdade deve ser esclarecido; a não ser assim, os seus mais nobres sentimentos constituirão para êle um perigo.

O homem que tem razão é sempre livre.

A superstição estará sempre em ordem inversa da fortaleza de espírito e da cultura intelectual.

O Cristianismo é suscetível de infinitas transformações.

Um Cristianismo livre e individual, com inumeráveis variedades interiores, como o foi nos primeiros três séculos de sua existência, deverá ser, segundo nos quer parecer, o futuro religioso da Europa.

O dogmatismo, que crê possuir a fórmula eterna do verdadeiro, e o ceticismo, que nega o verdadeiro, serão sempre, em questões religiosas, dois guias enganadores.

O princípio do Evangelho está na idéia moral e religiosa, no aperfeiçoamento e na purificação interna do homem.

O universo tem um escopo ideal e serve a um fim divino; não é sòmente uma vã agitação, que daria em nada no final das contas. O escopo do mundo é o império da razão. A supremacia da razão é o dever da humanidade.

A blasfêmia dos pensadores irrequietos é mais agradável a Deus do que a prece interessada do homem.

Não há dúvida de que desejamos a liberdade de pensamento; a verdade, como o bem, tem os seus direitos, e ninguém ganha nada em pregar as suas mentirolas, porque elas não convencem quem quer que seja e só nos arrastam à hipocrisia.

Um bonito pensamento, um sentimento nobre, um ato de boa virtude tornam o homem mais rei da criação do que a faculdade de fazer chegar ràpidamente ao fim do mundo as suas tropas e os seus desejos.

A realeza está em a nossa alma: o asceta dos desertos da Tebaida, o contemplativo dos cumes do Himalaia, são, segundo o espírito, mais senhores e mais intérpretes dessa realeza do que o materialista que convulsiona a face da Terra sem compreender o sentido divino da vida.

O materialista pode ser comparado a um menino que não vê num livro senão fôlhas enegrecidas e ligadas entre si como numa tela borrada de côres. Mas isto é tudo? Não há a essência do livro e do conjunto, o pensamento ou o sentimento nêle representados, os quais merecem ser tomados em consideração?

O materialista vê a realidade grosseira e não o que ela significa; vê-lhe a letra, mas não lhe vê a substância. Enganamo-nos: vê-lhe a substância, mas à sua maneira.

O progresso da ciência estará comprometido se não nos entregarmos a longas reflexões, se cada um de nós julgar cumprir os deveres da vida, tendo, às cegas, opiniões partidárias, se a venalidade, as opiniões exclusivas, as maneiras insólitas e peremptórias vierem a suprimir problemas em vez de resolvê-los.

O cérebro atribulado por maquinações tem carência de simplicidade, assim como o deserto tem carência de água pura.

A mulher nos põe em comunicação com a eterna fonte onde Deus se mira.

Não se deve escrever nunca senão sôbre aquilo que apreciamos. O esquecimento e o silêncio são o castigo infligido àquele que, na sua caminhada pela vida, não passou de um preguiçoso ou de um homem vulgar.

A finalidade do mundo é o desenvolvimento do espírito e a primeira condição para o desenvolvimento do espírito é a liberdade.

A virtude feminina é um dos elementos providenciais do edifício do mundo. A mulher tem o encargo do bem. A prova da moral está mais nos olhos da moça honesta do que nos juízos do metafísico.

A qualidade moral da mulher é a condição essencial do seu encanto e a dissonância absoluta que queremos exista entre ela e nós.

O espírito humano não tem região. O método de pesquisa nada tem de local nem de provincial. Não há senão uma química, uma física, uma fisiologia; não há senão uma filologia, uma crítica. Tudo o que é gênero literário, o encanto, a poesia, o divertimento, as sensações religiosas, as lembranças da infância e da juventude, pode revestir-se de uma forma local; mas a ciência é única, como o é o espírito humano, como o é a verdade.

Há um número incontável de cousas que nos apraz saber e que jamais chegaremos a conhecer.

O povo é naturalmente crédulo; o seu primeiro impulso é aceitar o que se lhe quer impingir.

O lado bom da nossa filosofia está em nos prepararmos para a eternidade.

Odiar os tolos, ó Senhor Deus, responder-lhes às suas inépcias, valer-se dêles para uma luta infecunda, pôr-se a gente à mercê de insultadores, dar-lhes o direito de crerem que dependemos dêles — é uma loucura, pois o mundo é tão vasto, o universo encerra tantos segredos para desvendar, tantas cousas encantadoras para admitir!

A história da humanidade apenas começou; o estudo da natureza nos levará a descobertas que à nossa imaginação é absolutamente impossível conceber.

Tudo está por ser feito e refeito no cadinho das ciências da natureza e da humanidade.

A metafísica é uma ciência que não tem senão uma linha de demarcação: *alguma cousa existe;* logo alguma cousa existe desde tôda a eternidade. Essa afirmativa equivale a esta outra: *não há efeito sem causa,* asserção que na verdade possui algo de experimental.

O universo, com que estamos em relação como que por um cordão umbelical, exige de nós o devotamento, o dever, a virtude; êle emprega, na consecução dos seus fins, a religião, a poesia, o amor, o prazer, as decepções.

A religião, resumo das necessidades morais do homem, a virtude, o pudor, o desinterêsse, o sacrifício, são a voz do Universo.

Trabalhamos, por instinto, como a formiga ou a abelha, em obras comuns de que não vemos o fim. As abelhas deixariam de trabalhar se pudessem ler cousas em que se lhes dissesse que, colhido o seu mel, elas, em recompensa do trabalho, haveriam de morrer.

Refutar é dar a conhecer.

Ganhamos mais ao dizer que nada sabemos do que declarando que conhecemos aquilo de que nada entendemos.

O homem não se põe em relação com as cousas senão através do saber e do amor: sem a ciência êle não abraçará senão quimeras.

Saber é de todos os atos da vida o menos profano.

Não admitir alguém um sistema qualquer não é ter vida de homem. Sem dúvida que compreendemos o ceticismo, porque é um sistema como outro: tem a sua importância e a sua nobreza. Compreendemos a fé, que às vêzes invejamos e malsinamos. Porém o que nos parece ser aberração humana é a indiferença e a despreocupação. Aquêle que não se vê, diante do infinito, cercado de mistérios e de problemas, não passa aos nossos olhos senão de um estulto.

Acima dos indivíduos está a humanidade, que vive e se desenvolve como um conjunto orgânico e que, como tal, tende à perfeição, à plenitude do seu ser.

Para que saber o hebreu, o árabe, o samaritano, o siríaco, o caldeu, o etíopio, o persa; para que ser a gente o primeiro homem da Europa pelo conhecimento da literatura do Oriente, se não alcançamos o ideal da humanidade, se tudo isso não é concebido com um objetivo religioso e superior?

A obediência passiva não é possível senão sob a condição de estupidez.

O homem não viverá apenas de pão; procurará, de maneira desinteressada, a verdade, a beleza e o bem; dedicar-se êle à ciência, à arte e a moral lhe é uma necessidade tão imperiosa como aquela de satisfazer à sua fome e à sua sêde.

Tudo o que concorre para o progresso da humanidade, por muito simples e profano que pareça ser, é por isso mesmo respeitável e sagrado.

Deus não está sòmente no céu, está também em cada um de nós, na flor que machucamos sob os pés, no sôpro que nos acaricia, na vida borbulhante e inquieta dêste ou daquele — está em o nosso coração sobretudo.

O asceta sacrifica-se inùtilmente.

O princípio do ascetismo é eterno na humanidade; o progresso da reflexão lhe dará uma direção mais racional.

Nossa convicção íntima é a de que a religião do futuro será o *humanismo* na sua pureza, ou por outras palavras, o culto de tudo aquilo que pertence ao homem, a vida inteira santificada e compreendida como valor moral.

Se se entende por religião um conjunto de doutrinas ligadas entre si tradicionalmente, revestindo ela uma forma mítica, exclusiva e sectária, é necessário dizer, sem nenhuma hesitação, que as religiões terão sido um estágio da humanidade, em cujo íntimo não perduraram, e que desaparecerão um dia. Mas se ao contrário se se entende por essa palavra uma crença acompanhada de entusiasmo, coroando-se a convicção pelo devotamento e a fé pelo sacrifício — é indiscutível que a humanidade será eternamente religiosa.

A verdadeira nobreza não consiste em têrmos um nome próprio, em sermos um gênio; consiste em a nossa participação na raça nobre de filhos de Deus, em nos considerarmos um soldado anônimo no imenso exército que marcha para a conquista da perfeição.

O homem comum e o sábio apreciam de igual maneira uma flor; mas não lhe admiram as mesmas qualidades. O vulgo não vê nela senão côres vivas e formas elegantes. O sábio lhe nota apenas essas superficiais belezas e se abisma nos encantos da vida íntima e nos mistérios dela. Não é precisamente a flor que êle admira, é a vida, é a fôrça universal que aí se manifesta sob uma de suas modalidades. Um cadáver dissecado é cousa horrível; no entanto o ôlho da ciência descobre nêle um mundo cheio de maravilhas.

Indivíduo nenhum é inútil no seio da humanidade. O selvagem, que vive apenas a vida humana, serve ao menos como demonstração de fôrça perdida. Nada morre. Êste inseto, que não tem outra utilidade senão a de agrupar sob uma forma viva certo número de moléculas e a de comer uma fôlha, pratica uma ação que terá conseqüências na série eterna de causas.

A idade primitiva era religiosa, mas não científica; a idade intermediária terá sido irreligiosa, mas não científica; a idade futura será a um só tempo religiosa e científica.

O homem, como a planta, é agreste por natureza.

Ninguém é homem senão sob a condição de ter cultura intelectual e moral.

A estupidez não tem o direito de governar o mundo.

Massacrar terceiros para manter opinião própria é horroroso.

Que um homem, para defender a sua crença desinteressada, seja violento, cruel até, é condenável, mas é compreensível. A perseguição não se torna odiosa senão quando é exercida por aquêles que sacrificam o pensamento dos outros a favor do seu bem-estar.

Fechai os clubes, abri escolas e estareis servindo verdadeiramente a causa popular.

O gênero humano não alcança a verdade senão através de erros consecutivos.

E' um absurdo destruir quando nada se tem para construir.

A desigualdade não é concebível e justa senão sob o ponto de vista da sociedade moral. Se se não tratasse senão de gozar a vida, melhor seria para todos o mau guisado do que os bons-bocados para uns e a fome para outros.

A subordinação dos animais ao homem, a dos sexos entre si, não causam espanto a ninguém, porque é obra da natureza e da organização fatal das cousas. A hierarquia dos homens, na essência, não é, segundo o seu grau de perfeição, mais espantosa. O que é horrível é o indivíduo, abusando do seu direito para proveito próprio, explorar o semelhante para usufruição do trabalho dêle.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:
J. Herculano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abrão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual ..... Cr$ 20,00
Número avulso ..... Cr$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas fôlhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRÁFICA EDITÔRA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo